

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

AS CONTRIBUIÇÕES DO TURISMO PARA
A ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU

CURITIBA

2007

MARIA ZENEIDE RICARDI NODARI

**AS CONTRIBUIÇÕES DO TURISMO PARA
A ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Desenvolvimento Econômico, do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Gabriel Porcille

CURITIBA

AGOSTO 2007

MARIA ZENEIDE RICARTI NODARI

TERMO DE APROVAÇÃO

AS CONTRIBUIÇÕES DO TURISMO PARA A ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU

Dissertação de Mestrado desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. José Gabriel Porcille, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico conferido pela Universidade Federal do Paraná, aprovado pela seguinte banca examinadora:

Professor

Instituição:

Professor

Instituição:

Professor

Instituição:

Curitiba, 2007.

Dedico este trabalho à minha família, meu marido Carlos, minha filha Karla, à Cleide, que me ajudaram a superar a distância que foi um dos maiores impecilhos e em especial ao meu filho Renan Carlos que nos momentos em que eu pensava em desistir ele não me permitia.

Agradeço à Deus por ter me dado força, ao professor Porcille por toda a tolerância, companheirismo e didática e a todos meus colegas de curso que de uma ou outra forma contribuíram para que eu permanecesse no curso e a minha família que sempre esteve comigo.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as contribuições do turismo para a economia do município, em termos de renda gerada, empregos e impostos, focalizando os aspectos mais importantes no desenvolvimento do turismo, a saber: a influência da taxa de câmbio e do planejamento municipal, bem como dos gastos públicos efetuados, compreendendo um período que vai 1994 a 2006. Partiu da hipótese de que o turismo contribui de forma significativa para a economia do município. O estudo se fundamentou na economia do turismo e nas teorias do desenvolvimento. Os dados foram levantados de fontes secundárias, principalmente do IBGE, IPARDES, SETU, SMTU, EMBRATUR, entre outros organismos afins. Após as análises efetuadas, concluiu-se que o turismo é um fenômeno social de grande importância econômica para o Município de Foz do Iguaçu, pois ao demandar bens e serviços dos diversos setores da economia, gera efeitos multiplicadores que refletem no desenvolvimento. E mais, o turismo realmente contribui de forma significativa para a economia do município, tanto na geração de renda e empregos, quanto na geração de impostos. Quanto mais desenvolvida for a região mais se beneficiará da atividade turística, pois a mesma exige serviços, infra-estrutura e meios de transportes cada vez mais avançados. No outro extremo, está o fato de que existem condições naturais e culturais que quanto menos alteradas mais atraem os turistas.

Palavras-chave: Atividade Turística; Economia do Turismo; Desenvolvimento Econômico.

RESUMEN

El presente estudio ha tenido como objetivo analizar las contribuciones del turismo en la economía del municipio, con respecto a la renta generada, los empleos y los impuestos, focalizando los aspectos más importantes en el desarrollo del turismo, a saber: la influencia de la tasa de cambio y de la planificación municipal, así como de los gastos públicos efectuados, comprendiendo un período que va desde 1994 hasta 2006. Partió de la hipótesis de que el turismo contribuye de forma significativa para la economía del municipio. El estudio ha sido fundamentado en la economía del turismo y en las teorías del desarrollo. Los datos se levantaron de fuentes secundarias, principalmente del IBGE, IPARDES, SETU, SMTU, EMBRATUR, de entre otros organismos similares. Después de los análisis efectuados, se concluye que el turismo es un fenómeno social de gran importancia económica para el municipio de Foz do Iguaçu, pues al demandar bienes y servicios de diversos sectores de la economía, genera efectos multiplicadores que se reflejan en el desarrollo. Y lo que es más, el turismo realmente contribuye de forma significativa para la economía del municipio tanto en la generación de renta y empleos, como en la generación de impuestos. Cuanto más desarrollada sea la región más se beneficiará de actividades turísticas, pues éstas exigen servicios, infraestructura y medios de transporte cada vez más avanzados. En el otro extremo está el hecho de que existen condiciones naturales y culturales que cuanto menos se alteren, más atraen a los turistas.

Palabras-clave: Actividad turística; Economía del turismo; Desarrollo económico.

LISTA DE FIGURAS

1 - EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS EM FOZ DO IGUAÇU	60
2 - EVOLUÇÃO TOTAL DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS EM FOZ DO IGUAÇU	61
3 - TAXAS DE CRESCIMENTO DO NÚMERO DE HOTÉIS E LEITOS EM FOZ DO IGUAÇU (%)	63
4 - TAXA DE CÂMBIO - R\$/ US\$ - TURISMO - VENDA - MÉDIA ANUAL	67
5 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS EM FOZ DO IGUAÇU 1994-2006	69
6 - EVOLUÇÃO DA RENDA GERADA PELO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU	71
7 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGOS GERADOS PELO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU	72
8 - EFEITOS DA TAXA DE CÂMBIO SOBRE A RENDA DO TURISMO	78

LISTA DE QUADROS

1 - COMPORTAMENTO DO FENÔMENO TURÍSTICO	21
2 - FATORES DETERMINANTES DO COMPORTAMENTO DOS TURISTAS.....	25
3 - CLASSIFICAÇÃO DOS FLUXOS TURÍSTICOS.....	25
4 - OFERTA TURÍSTICA SEGUNDO SUAS CATEGORIAS	58
5 - DIMENSÕES DA POLÍTICA MUNICIPAL PARA O TURISMO	80
6 - DIRETRIZES DA POLÍTICA MUNICIPAL PARA O TURISMO.....	82
7 - AÇÕES DA POLÍTICA MUNICIPAL PARA O TURISMO.....	83

LISTA DE TABELAS

1 - CRESCIMENTO DO PIB E DA PARTICIPAÇÃO DO TURISMO	44
2 - O FLUXO DE TURISTAS NO PARANÁ.....	45
3 - CRESCIMENTO DO TURISMO SEGUNDO A RENDA GERADA	48
4 - TAXAS DE CRESCIMENTO DO TURISMO INTERNACIONAL.....	50
5 - PRINCIPAIS PAÍSES EMISSORES DE TURISTAS DO MUNDO.....	51
6 - CRESCIMENTO DO TURISMO INTERNACIONAL.....	52
7 - ESTIMATIVA DO PIB TURÍSTICO E SUA PARTICIPAÇÃO NO PIB BRASILEIRO.....	53
8 - A DEMANDA TURÍSTICA NO PARANÁ.....	54
9 - A DEMANDA TURÍSTICA EM FOZ DO IGUAÇU	55
10 - PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA TURÍSTICA DE FOZ DO IGUAÇU NO TOTAL DO PARANÁ.....	55
11 - OFERTA DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS NO PARANÁ	59
12 - EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS EM FOZ DO IGUAÇU	59
13 - OFERTA DE UNIDADES HABITACIONAIS DE HOSPEDAGENS NO PARANÁ	62
14 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE LEITOS EM FOZ DO IGUAÇU	63
15 - CLASSIFICAÇÃO DOS HOTÉIS DE FOZ DO IGUAÇU.....	64
16 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS, GASTO MÉDIO DIÁRIO E PERMANÊNCIA NO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU	68
17 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS INTERNOS E EXTERNOS	70
18 - EVOLUÇÃO DA RENDA E DO EMPREGO GERADO PELO TURISMO NO PERÍODO	70
19 - PRODUTIVIDADE MÉDIA DOS TRABALHADORES DO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU	73
20 - CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU	74
21 - CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS.....	75
22 - CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS POR ATIVIDADES	76
23 - A RELAÇÃO ENTRE TAXA DE CÂMBIO E RENDA DO TURISMO.....	77
24 - A RELAÇÃO ENTRE TAXA DE CÂMBIO, EMPREGO E GASTOS MÉDIOS DIÁRIOS.....	79
25 - O TURISMO NO PLANO PLURIANUAL MUNICIPAL	85
26 - O TURISMO NO ORÇAMENTO MUNICIPAL.....	86
27 - OS EFEITOS DOS GASTOS PÚBLICOS MUNICIPAIS SOBRE O TURISMO LOCAL.....	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: ASPECTOS CONCEITUAIS	19
2.1 A ATIVIDADE TURÍSTICA.....	19
2.2 A ECONOMIA DO TURISMO	26
2.2.1 A Macroeconomia do Turismo	30
2.3 O TURISMO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.....	34
2.4 O PLANEJAMENTO ECONÔMICO DO TURISMO.....	38
3 EVOLUÇÃO RECENTE DO TURISMO	42
3.1 IMPORTÂNCIA E EVOLUÇÃO DO TURISMO.....	42
3.2 O TURISMO NO PARANÁ E FOZ DE IGUAÇU EM COMPARAÇÃO COM O BRASIL.....	45
3.3 A EXPANSÃO DO TURISMO	49
4 OS DETERMINANTES DO TURISMO: A INFLUÊNCIA DO NÍVEL DE RENDA E DA TAXA DE CÂMBIO	57
4.1 A OFERTA TURÍSTICA.....	57
4.1.1 A Oferta dos Meios de Hospedagens	58
4.1.2 A Oferta de Atrativos Turísticos	65
4.2 A TAXA DE CÂMBIO E O SETOR TURÍSTICO	66
4.3 EVOLUÇÃO DA RENDA E DO EMPREGO GERADO PELO TURISMO	67
4.4 OS EFEITOS DA TAXA DE CÂMBIO SOBRE O TURISMO LOCAL.....	76
5 O IMPACTO DO PLANEJAMENTO E GASTOS PÚBLICOS SOBRE O TURISMO	80
5.1 O TURISMO NO PLANEJAMENTO MUNICIPAL.....	80
5.2 OS EFEITOS DOS GASTOS PÚBLICOS SOBRE O TURISMO LOCAL.....	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	90
REFERÊNCIAS	96

1 INTRODUÇÃO

O turismo é um fenômeno da sociedade moderna de grande importância econômica, social, política, ambiental e cultural. Sua evolução está diretamente relacionada à evolução do conceito de viagens. Desde os primórdios, as viagens fazem parte do cotidiano das pessoas. Viajava-se por inúmeras razões. Inicialmente, a viagem estava relacionada ao comércio, à procura de bens para a subsistência, à necessidade de melhorar as condições de vida, aos desejos políticos de expansão territorial e aos desejos de descanso e saúde que moviam as classes privilegiadas aos centros termais. Sendo assim, as viagens tinham uma relação estreita com o desenvolvimento das sociedades humanas. À medida que as sociedades iam se desenvolvendo, surgiam novas motivações para as pessoas viajarem.

Na era dos grandes impérios, as viagens com fins de negócios, assim como com fins de prazer, tinham grande importância. De acordo com Montejano (2001, p.87), foram as “grandes expedições marítimas” realizadas desde o final do século XIV até o século XVI, que ampliaram o horizonte da época (descobrimiento da América, descobrimentos de novas zonas da África e Ásia) e despertaram a curiosidade por conhecer povos e lugares, dando origem a uma nova era na história das viagens.

Conforme a história da humanidade avançava o comportamento dos viajantes ia mudando, assim como as suas motivações para viajar. Os primórdios do turismo remontam à Grécia e à Roma antiga, as visitas a amigos e parentes, os negócios, a religião, a saúde, a educação e o hedonismo, foram cada vez mais incluídos no rol das motivações para viajar. Foram os romanos os grandes responsáveis pela introdução da ideia do turismo por prazer, em substituição a propósitos utilitaristas, como devoção religiosa, saúde ou negócios. Além disso, os romanos desenvolveram também um turismo voltado para a contemplação das paisagens em seu império. (SWARBROOKE, 2002, p.38).

No século XIX, com o surgimento dos *spas* e dos *resorts*, o turismo deixa de ser uma exclusividade das classes mais abastadas e passa a incluir as classes médias. Um fator importante para que isso ocorresse foi a redução dos custos dos transportes que deu grande impulso às atividades turísticas, pois permitiu uma grande mobilidade e acesso das pessoas aos atrativos turísticos.

O surgimento das operadoras especializadas em turismo, no século XIX, exerceu profundo impacto sobre o crescimento da atividade turística, representando um grande avanço para o setor. No século XX, precisamente a partir dos anos 30, as pessoas passaram a ter acesso aos automóveis, o que representou um estímulo ainda maior ao turismo, como o desbravamento de áreas inacessíveis ao sistema público de transporte.

Nos tempos modernos, o que permitiu o rápido crescimento do turismo de massa foi à coincidência de diversos fatores inter-relacionados que ocorreram ao mesmo tempo: a) maior disponibilidade de renda; b) progresso na tecnologia de aeronaves; c) automóveis mais acessíveis; d) aumentos adicionais nas horas de lazer; e) motivos educacionais; e f) ascensão das operadoras de viagens e de pacotes de excursão, entre outros. (SWARBROOKE, 2002, p.42).

Na atualidade, o turismo é considerado um fenômeno social decorrente do desenvolvimento e dinamismo da sociedade moderna. A atividade turística traz grandes benefícios para a sociedade como um todo, principalmente através da alavancagem econômica direta ou indireta. As atividades de viagens e turismo são grandes geradoras de emprego. O turismo é muito dinâmico e, não raro, cresce mais rápido do que as demais atividades econômicas.

Negócios e empregos relacionados ao turismo, muitas vezes, são estabelecidos em regiões relativamente menos desenvolvidas de um determinado país, contribuindo para equalizar oportunidades econômicas e incentivando os residentes a permanecer na região, ao invés de emigrarem para as cidades já superpovoadas, ampliando os problemas sociais.

O turismo é muito abrangente e se destaca pelo seu caráter multidisciplinar. A atividade turística está intrinsecamente ligada aos valores que a natureza oferece – sol, praias, montanhas, paisagens etc. – que são as fontes que sustentam os movimentos de pessoas com fins especificamente turísticos. O turismo é uma atividade bastante ampla também do ponto de vista produtivo, pois engloba vários segmentos da economia e não se limita a hospedagens, transportes, agências de viagens ou serviços de entretenimento. A separação do que é produção turística e do que não é traz grandes dificuldades e aumenta sobremaneira a conceituação e a mensuração do valor econômico do turismo.

Em países mais desenvolvidos ou industrializados, os reflexos da atividade turística em outros setores da economia tendem a ser mais significativos do que nos países em desenvolvimento, assim como do ponto de vista econômico é naturalmente mais importante para os países receptores de turismo do que para os emissores. (FERNANDES e COELHO, 2002, p.122). Independentemente de sua complexidade, grande parte do que o turista demanda é diferente das demais demandas, pois quando um turista escolhe um destino e decide viajar, nesta ação estão implícitos compra de passagens, reserva de hotel, gastos com entretenimento, deslocamentos em táxis ou similares, refeições, *souvenirs*, entre outros.

A atividade turística forma um dos maiores setores do mundo e uma fonte geradora de empregos de qualidade. Estimativas apontam que em 2010 a atividade turística deve atingir uma economia de US\$ 8 trilhões e 328 milhões de empregos. (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p.19).

O setor público e privado combinado devem aplicar US\$ 779 bilhões em novos investimentos de capital para o turismo em todo mundo. O turismo é gerador e receptor de verbas dos governos e direciona a alocação de recursos nos orçamentos públicos, pois os gastos são compensados pelo aumento da arrecadação de impostos. (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p.19).

O turismo é uma atividade produtiva contínua, geradora de renda, que se submete às leis econômicas e interfere nos diversos segmentos da economia, repercutindo acentuadamente e indiretamente em outras atividades produtivas através do seu efeito multiplicador. (BENI, 2002, p.65). O Turismo promove o desenvolvimento intersetorial, em função do efeito multiplicador dos investimentos e dos acréscimos da demanda interna e receptiva. É um elemento importante para o planejamento regional ou territorial. Proporciona a geração de rendas para o setor público, representada por impostos diretos e indiretos, incidentes sobre a renda total gerada no âmbito do sistema econômico e estimula o processo de abertura da economia.

Da mesma forma que nos países mais desenvolvidos, nas próximas décadas, o turismo exercerá um papel muito importante para os países em desenvolvimento, pois permitirá aos mesmos um processo de crescimento econômico que respeita as questões ambientais e a conservação dos valores culturais das populações nativas das regiões turísticas. O turismo estará colaborando para os países alcançarem níveis de desenvolvimento sustentáveis, com a preservação do meio ambiente e a qualidade de vida da população. (LAGE e MILONE, 2001, p.207). A sustentabilidade é uma condição para a existência do próprio turismo, por isso sua contribuição é cada vez mais perceptível. Existe uma relação clara entre turismo e desenvolvimento econômico: de um lado o turismo depende do progresso econômico, tecnológico e das comunicações, além do progresso social, de outro, o turismo é tido como fator “catalisador” do progresso econômico e social. Neste sentido, ora o turismo é causado pelo progresso econômico e social, ora é causador do progresso econômico e social. O turismo permite o desenvolvimento justamente porque dissemina o progresso econômico e social de regiões mais abastadas (emissores) para regiões menos favorecidas (receptores), sendo que, às vezes, é a própria preservação dos padrões primitivos que atrai os turistas.

Neste aspecto, afirma Rodrigues (2001, p.80), que “não é o turismo que permite o desenvolvimento, mas é o desenvolvimento geral de um país que torna o turismo rentável.” Logo o turismo depende do progresso econômico e social.

É neste contexto que se desenvolve o presente estudo, com o propósito de ampliar a compreensão dos leitores e da pesquisadora em relação à contribuição do turismo para a economia de Foz do Iguaçu. Mais especificamente o que se propôs foi **analisar as contribuições do turismo para a economia do município**, em termos de renda gerada, empregos e impostos. Além disso, o estudo buscou focalizar alguns dos aspectos mais importantes no desenvolvimento do turismo, a saber: a influência da taxa de câmbio e do planejamento municipal, bem como dos gastos públicos efetuados, compreendendo um período que vai 1994 a 2006. O estudo partiu da **hipótese de que o turismo contribui de forma significativa para a economia do município**.

A atividade turística de num país ou região é muito sensível ao comportamento da taxa de câmbio, conforme Lage e Milone (2001, p.146) “a variação na taxa de câmbio é crucial para o turismo de um país”. É de extrema significância as modificações na política cambial para a determinação dos fluxos turísticos emissivos e receptivos de um país, em especial do Brasil, cujas atividades turísticas encontram-se num estágio inicial de participação em relação aos fluxos do turismo mundial. À medida que o valor do real (R\$) em termos da moeda estrangeira cresce, ocorre de imediato um estímulo para uma expansão da demanda por viagens ao exterior por parte dos brasileiros, isto é, um aumento do fluxo de turistas emissivo e, conseqüentemente, uma elevação das despesas turísticas. Ao contrário criam-se condições para que haja um incremento dos fluxos receptivos no país.

Fica evidente a importância de se ter uma compreensão mais aguçada dos efeitos das flutuações cambiais sobre a atividade turística, pois a taxa de câmbio pode determinar uma maior ou menor contribuição do turismo para a economia municipal. Preliminarmente, observou-se que as flutuações nas taxas de câmbio

entre o período de 1994-1998 foram pouco significativas, variando dentro de limites muito estreitos, o que significou uma certa estabilidade da taxa de câmbio. Posteriormente, no período de 1999 a 2004, houve uma grande depreciação cambial, acarretando uma grande desvalorização do real (R\$) frente ao dólar (US\$) americano, o que significa um aumento da taxa de câmbio. Em seguida no período de 2005 a 2006, a moeda brasileira começa um processo de apreciação, tendo como consequência uma valorização do real (R\$) frente ao dólar americano (US\$), o que significa uma queda na taxa de câmbio. Os efeitos das mudanças na taxa de câmbio sobre a atividade turística são analisados neste trabalho.

A metodologia é parte essencial de todo trabalho científico. Ela define os rumos a serem seguidos na pesquisa e análise dos dados, bem como a forma como os dados serão levantados e tratados. (SILVA e MENEZES, 2000, p.37). De forma mais imediata, uma pesquisa significa buscar respostas para questionamentos e hipóteses propostas. Minayo (1993), Demo (1996) e Gil (1999), citados por Silva e Menezes (2000), afirmam que, do ponto de vista filosófico, a pesquisa é “atividade básica das ciência na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude (...) de constante busca que define um processo inacabado e permanente.” É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade, que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e prática; é neste contexto que se insere o presente estudo.

Nesta perspectiva, o estudo foi centrado no fenômeno da sociedade contemporânea denominado turismo, que é acima de tudo, como já descrito, uma demanda por uma infinidade de bens e serviços. Os dados foram levantados de fontes secundárias, com base em relatórios fornecidos pelos organismos que regem as políticas públicas do turismo, bem como institutos de pesquisa como: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, além da Organização Mundial do Turismo (OMT), EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo e Ministério do Turismo, entre outros. A análise dos dados foi

abordada de acordo com os objetivos específicos, buscando, na medida do possível, explicar a importância do turismo. A análise foi feita considerando a evolução da taxa de câmbio, que definiu os cortes transversais do estudo, baseando-se nas mudanças cambiais mais significativas ocorridas nos períodos estudados.

O propósito deste trabalho foi *analisar a contribuição do turismo para a economia de Foz do Iguaçu*, uma vez que o turismo tem impactos importantes. Em particular, o que se pretendeu foi analisar a contribuição do segmento turístico, sob a ótica da evolução da renda gerada no setor, no período de 1995 a 2005. Além disso, o estudo procurou avaliar os efeitos da taxa de câmbio e demais variáveis macroeconômicas sobre a geração da renda no segmento do turismo local no período.

O presente estudo é relevante sob vários aspectos. Do ponto de vista econômico, ele oferece uma contribuição à análise dos efeitos do turismo no desenvolvimento da região. Do ponto de vista político, o estudo procura orientar os formuladores das políticas de desenvolvimento. Além disso, ajuda a identificar a verdadeira importância do turismo dentro da economia, seu potencial, seu peso, sua demanda e suas interconexões com as diversas atividades econômicas.

O **trabalho foi estruturado** da seguinte forma: Na seção 1, é apresentada a introdução na qual consta uma breve contextualização do turismo e seus efeitos econômicos. Na seção 2, foram apresentados os conceitos e fundamentos que sustentam a pesquisa e a análise dos dados. Na seção 3, foi apresentado um breve histórico da evolução recente do turismo, incluindo dados empíricos que evidenciam sua relevância. Na seção 4, foi desenvolvida uma análise sobre a influência do nível de renda e da taxa de câmbio sobre o turismo. Na seção 5, foi feita uma análise do impacto do planejamento e dos gastos públicos sobre o turismo local. Na seção 6, foram apresentadas as considerações finais e recomendações para trabalhos futuros. A próxima seção trata especificamente dos aspectos conceituais do estudo, pautados nas diversas correntes do pensamento sobre a economia do turismo, em particular, focalizando mais as variáveis macroeconômicas.

2 TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: ASPECTOS CONCEITUAIS

Esta seção tem por finalidade apresentar uma discussão sucinta dos conceitos básicos relacionados ao turismo, sustentada no ponto de vista de vários autores, focando a atividade turística e a economia do turismo.

2.1 A ATIVIDADE TURÍSTICA

A definição de turismo é matéria muito controversa, segundo os vários autores que tratam do assunto, pois está relacionado com viagens, não podendo considerar todas as viagens como turismo.

A Organização Mundial do Turismo (OMT), assim define turismo: “o deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias motivados por razões não-econômicas”. Em 1994 esta definição sofreu aperfeiçoamento, passando para: “o turismo engloba as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente usual durante não mais do que um ano consecutivo por prazer, negócios ou outros fins.” (IGNARRA, 2003, p.10).

Existem três tendências para a definição do turismo: a econômica, a técnica e a holística, sendo que a que nos interessa de momento é a primeira. Turismo é uma importante indústria nacionalmente identificável. É a soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamentos de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região. Turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes alojá-los e cortesmente satisfazer suas necessidades e desejos. Compreende um amplo corte transversal de atividades componentes, incluindo a provisão de transportes, alojamento, recreação, alimentação e serviços afins. (BENI, 2002, p.34).

Segundo esta ótica, o turismo se caracteriza como uma atividade econômica pelos seguintes razões: a propensão a viajar é um ato humano; a recreação é uma atividade desenvolvida por indivíduos, isolada ou grupalmente; os deslocamentos são atos que compreendem gastos e receitas; o consumo de bens e serviços turísticos pode enquadrar-se em mais de uma atividade econômica; a geração de riqueza por meio de um processo produtivo é clara e tipicamente uma atividade econômica. Entretanto, turismo não é indústria porque esta é um conjunto de operações necessárias para a transformação de matérias-primas. E ainda, o que ocorre, na realidade, é uma agregação de valores aos diferenciais turísticos naturais e culturais, e não a transformação tangível e concreta na matéria-prima original.

O turismo é um eficiente meio para: a) abrir novas perspectivas sociais como resultado do *desenvolvimento econômico e cultural* da região; b) promover a difusão de informações sobre uma determinada região ou localidade, seus valores naturais, culturais e sociais; c) integrar socialmente, incrementar a consciência nacional; d) desenvolver a criatividade em vários campos; d) promover o sentimento de liberdade mediante a abertura ao mundo, estabelecendo ou estendendo os contatos culturais, estimulando o interesse pelas viagens turísticas. (BENI, 2002, p.34).

Do ponto de vista econômico, o turismo pode ser definido como: o conjunto das relações e fenômenos – econômicos sociais e culturais, ou seja, é toda atividade que causa deslocamento que *implica gasto de renda*, cujo objetivo principal é conseguir satisfação e serviços que são oferecidos por meio de uma atividade, geralmente mediante um investimento prévio e cujo objetivo final é obter rentabilidade. Desta forma, o turismo se emoldura perfeitamente dentro da economia como o conjunto das atividades industriais e comerciais que produzem bens e serviços consumidos total ou parcialmente por visitantes estrangeiros ou por turistas nacionais. (MONTEJANO, 2001, p.103).

Da mesma forma que Beni, Montejano (2001, p.103) afirma que “o turismo não é diretamente uma indústria, já que, seguindo a definição mais rígida, não produz nenhum bem econômico, mas sim uma atividade de prestação de bens

e serviços.” Contudo, afirma o autor ter algumas conotações iguais à da indústria, sobretudo, a “importante dimensão que tem para o crescimento e *desenvolvimento da economia* de um país, em especial para os países com potencial turístico em desenvolvimento, o turismo foi definido como a indústria sem chaminé.”

Sobre a atividade turística, é possível vislumbrar duas correntes de pensamentos: a que exclui da prática do turismo qualquer tipo de atividade que implique ganho econômico ou financeiro por parte do turista; e a outra, aceitando totalmente esta prática.

Turismo é um **fenômeno social** que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente, por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade humana nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Turismo refere-se à provisão de transportes, alojamentos, recreação, alimentação e serviços relacionados para viajantes domésticos e do exterior. Compreende a viagem para todos os propósitos, desde recreação até negócios. (FERNANDES e COELHO, 2002, p.20).

QUADRO 1 - COMPORTAMENTO DO FENÔMENO TURÍSTICO

O FENÔMENO TURÍSTICO			
Deslocamento	Permanência	Tour	Motivação
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Elemento Dinâmico. ▪ Utiliza transporte. ▪ Gera o tráfego. ▪ Concretiza o tour. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Elemento que efetiva o espaço turístico receptivo. ▪ Gera a utilização das funções do espaço turístico. ▪ Caracteriza o tempo de consumo do espaço turístico. ▪ Demonstra os níveis reais de aproveitamento do espaço turístico receptivo. ▪ Caracteriza o perfil do turista consumidor do espaço turístico receptivo. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Elemento agregador do turismo: deslocamento+ permanência. ▪ Estabelece o fenômeno turístico. ▪ Caracteriza o turismo pela sua condição fundamental: ida e volta. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Elemento propulsor do fenômeno turístico. ▪ Tem origem no espaço turístico e/ou no consumidor potencial deste espaço. ▪ Determina as expectativas ao turista consumidor. ▪ Indica os meios para despertar os interesses e acionar as relações entre o espaço turístico e o consumidor potencial deste espaço.

FONTE: Adaptado de: Fernandes e Coelho (2002, p.23)

De acordo com o quadro 1, fica evidente que o turismo é um fenômeno social. Conforme Theobald (2002, p.49), o turismo é “um fenômeno social, e não uma atividade de produção;” e ainda é “a soma dos gastos de todos os viajantes ou visitantes, qualquer que seja sua finalidade, não é a receita de um grupo determinado de estabelecimentos semelhantes.” Além disso, “**é uma experiência ou processo**, e não um produto – e, no caso, uma experiência extremamente variada.” Apesar disso, o turismo não deixa de ter a sua importância econômica, pois os gastos dos viajantes e visitantes afetam diversos setores da economia, em muitos casos fazendo surgir novos negócios.

Na visão de Trigo (1998, p.12), o turismo “é uma **atividade humana** intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país”. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas.

A atividade turística tem várias definições entre as quais podem-se destacar as seguintes: É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial. É o **movimento de pessoas** e é um fenômeno que envolve, antes de tudo - gente. A ocupação do espaço por pessoas que afluem à determinada localidade, onde não possuem residência fixa. É o conjunto de relações e fenômenos resultantes do deslocamento de pessoas em localidades diferentes daquelas das quais residem ou trabalham, contanto que tais deslocamentos e permanências não sejam motivados por uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária. (SOUZA e CORREA, 2000, p.141).

O conceito de turismo é muito abrangente, pois o turismo é a soma de todo o setor mundial de viagens, hotéis, transportes e todos os outros componentes, incluindo promoção, que atende às necessidades e aos desejos dos viajantes. O turismo pode ser definido como a soma de fenômenos e relações originadas da

interação de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas e outros visitantes. O Turismo é um composto de atividades, serviços e setores que proporcionam uma experiência de viagem. Turismo é a soma total das despesas turísticas dentro das fronteiras de uma nação ou subdivisão política, ou uma área em torno de uma estrutura de transporte de estados ou nações contíguas. (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p.23).

Este conceito econômico da atividade turística leva em consideração a capacidade de multiplicação de renda dessas despesas turísticas, o que possibilita uma visão dos efeitos da atividade turística sobre o **desenvolvimento regional**.

O fenômeno turístico pode ser estudado sob diferentes óticas ou abordagens, seja: institucional, produto, histórica, gerencial, econômica, sociológica, geográfica, interdisciplinar e sistêmica. Sendo que, para fins deste estudo, optou-se pela abordagem econômica. Enfoque Institucional – considera os diversos intermediários e instituições que realizam as atividades turísticas; Enfoque do produto – que tem como objeto os produtos turísticos e a forma como são produzidos, comercializados e consumidos; Enfoque histórico – compreende uma análise das atividades e instituições turísticas a partir de um ângulo evolutivo; Enfoque administrativo - analisa do ponto de vista administrativo, focando na microeconomia, ou seja, centrando nas atividades administrativas necessárias para a gestão de uma empresa turística; *Enfoque econômico – que se concentra na oferta e demanda, balanço de pagamentos, mercado de divisas, geração de empregos, multiplicadores da renda, entre outros aspectos*; Enfoque sociológico – onde a preocupação está nas classes sociais, hábitos e costumes dos visitantes e dos residentes, a sociologia do tempo livre; Enfoque geográfico – o interesse no turismo está na forma em que o espaço turístico é ocupado, nos tipos de deslocamentos e no impacto do meio ambiente; Enfoque interdisciplinar – congrega os elementos da sociedade, como a cultura, antropologia, comportamentos entre outros aspectos; Enfoque sistêmico – trata-se do estudo, análise dos elementos inter-relacionados para formar um todo unificado e organizado. (IGNARRA, 2003, p.10).

O turismo é um fenômeno que envolve quatro componentes fundamentais: o turista, os prestadores de serviços, o governo e a comunidade do destino turístico. Uma definição mais específica dessa atividade é a seguinte, “a soma das operações, especificamente as de natureza econômica, diretamente relacionada com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região.” (IGNARRA, 2003, p.13).

Outra proposta é a de Oscar de La Torre, citado por Ignara (2003, p.13), que afirma: O turismo **é um fenômeno social** que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

De acordo com a amplitude das viagens, o turismo pode ser classificado como: a) local – quando ocorre entre municípios vizinhos; b) regional – quando ocorre em locais em torno de 200 a 300 km de distância da residência; c) doméstico – quando ocorre dentro do país de residência do turista; d) internacional – quando ocorre fora do país de residência do turista. Com relação ao fluxo turístico, ele pode ser classificado como: turismo emissivo – fluxo de saída de turistas que residem em uma localidade; turismo receptivo – fluxo de entrada de turistas em um determinado local. O conceito de viagens, turismo e recreação estão intimamente ligados.

Das definições acima se observa que a atividade turística se caracteriza por ser muito complexa, restando claro que é *um fenômeno social* dos tempos modernos, que veio de encontro ao progresso econômico e social. Esta atividade é fonte geradora de inúmeros negócios, empregos e rendas. Pode ser uma excelente via de promoção do desenvolvimento regional, pois afeta diversos setores da economia.

A indústria do turismo desempenha um papel importante frente às exigências dos consumidores, ou seja, ela desenvolve produtos específicos para satisfazer as determinantes do comportamento de algum turista. (SWARBROOKE e HORNER, 2002, p.102).

QUADRO 2 - FATORES DETERMINANTES DO COMPORTAMENTO DOS TURISTAS

<p>CIRCUNSTÂNCIAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Saúde ▪ Renda disponível ▪ Tempo para lazer ▪ Compromissos profissionais ▪ Compromissos Familiares ▪ Carro Próprio 	<p>CONHECIMENTO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Das destinações ▪ Da disponibilidade dos diferentes produtos turísticos ▪ Diferenças de preços entre agências concorrentes
<p>ATITUDE E PERCEPÇÕES:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Percepções de destinações e de organizações de turismo ▪ Opiniões políticas ▪ Preferências por determinados países e culturas ▪ Medo de certos modos de viagem ▪ Com quanta antecedência gostam de planejar e reservar uma viagem ▪ Idéias sobre o que constitui o valor do dinheiro 	<p>EXPERIÊNCIA DE:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Tipos de férias ▪ Diferentes destinações ▪ Produtos oferecidos ▪ Viagens com determinados indivíduos ou grupos ▪ Buscas preços com desconto

Adaptado de: Swarbrooke e Horner (2002, p.98)

Os fatores que determinam a atividade turística podem ser classificados em dois grandes grupos: a) os que determinam se os indivíduos irão viajar ou não; b) os que determinam os tipos de viagens. Além das determinantes da atividade turística, é preciso uma compreensão dos diversos fluxos turísticos. Neste sentido, Beni (2002, p.439) descreve e classifica os fluxos turísticos conforme o quadro 3:

QUADRO 3 - CLASSIFICAÇÃO DOS FLUXOS TURÍSTICOS

CLASSIFICAÇÃO	PERMANÊNCIA	SOLICITAÇÃO DE SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS	ESTRUTURA DE GASTOS
Fluxos turísticos itinerantes	Menos de 12 horas Média = 6 horas	Complementares de Alimentação e Recreação	Despesas com alimentação, recreação e eventualmente compras
Fluxos turísticos de estada fêrio-semanal	Até 8 dias Média = 3 dias	Hoteleiros e complementares de alimentação e recreação	Despesas com hospedagem e alimentação
Fluxos turísticos de estada fêrio-menso-estacional	Até 30 dias Média = 12 dias	Hoteleiros, extra-hoteleiros, apartamentos e casas residenciais locadas, colônias de férias e outras	Despesas de hospedagem
Fluxo turístico sedentário residencial-fêrio-semanal	Até 4 dias Média = 2 dias	Instalação própria do alojamento, 2ª residência	Despesas com manutenção
Fluxo turístico sedentário-residencial-fêrio-menso-estacional	Até 25 dias Média = 15 dias	Instalação própria do alojamento, <i>camping</i>	Despesas com manutenção

FONTE: Adaptado de: Beni (2002, p.439)

Diante do exposto, resta claro que as atividades turísticas decorrem de um fenômeno social capaz de afetar profundamente o sistema econômico. Existe uma relação estreita entre turismo e economia, pois o desenvolvimento econômico que disponibiliza renda para as pessoas viajarem, além de maior tempo livre de lazer, acaba por promover a atividade turística. A atividade turística, por sua vez, com suas demandas de bens e serviços acaba por promover o desenvolvimento econômico. Existe uma relação de causa e efeito entre turismo e economia, ora a economia é causa do desenvolvimento do turismo, ora o turismo é causa do desenvolvimento da economia. Cabe ressaltar ainda o fato de que no momento em que o turismo é o causador do desenvolvimento econômico, em muitos casos, beneficia as regiões menos favorecidas, significando uma transferência de renda de regiões mais desenvolvidas para aquelas menos desenvolvidas, possibilitando a geração de empregos, rendas, divisas, impostos, entre outros benefícios.

2.2 A ECONOMIA DO TURISMO

Na seção anterior, foi apresentada a relação entre turismo e economia. Nesta seção, é aprofundada a discussão dos aspectos econômicos do turismo. Conforme Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p.29), “Em função de sua importância para as economias doméstica e mundial, o turismo tem sido examinado de perto por economistas que concentram sua atenção na oferta, na demanda, na balança de pagamentos, no câmbio, no emprego, nas despesas, no desenvolvimento, nos multiplicadores e em outros fatores econômicos.”

A economia do turismo, nas últimas décadas, vem despertando a atenção de alguns pesquisadores os quais têm levantado diversos questionamentos, a saber: *o turismo é uma atividade econômica? O turismo é um setor econômico? Em qual setor econômico o turismo se enquadra? Sob o ponto de vista econômico, qual é a melhor forma de analisar o turismo, sob a ótica da oferta ou da demanda?*

A economia do turismo é influenciada por diversos fatores: *Econômicos* – taxas de crescimento econômicas globais contínuas, desempenho econômico

acima da média para as economias, as diferenças entre países ricos e pobres e harmonização das moedas. *Tecnológicos* – desenvolvimento de tecnologia da informação, avanços tecnológicos nos transportes. *Políticos* – remoção de barreiras para viagens internacionais, desregulamentação dos transportes e outros setores. *Demográficos* – envelhecimento da população, concentração de mão-de-obra, migração, erosão da família ocidental tradicional. *Globalização* – forças internacionais de mercado, redução do controle dos estados individuais e cooperações globais. *Localização* – conflito entre países em desenvolvimento, demanda dos diferentes grupos étnicos e reconhecimento dos seus direitos. *Consciência Socioambiental* – maior cobertura da mídia sobre problemas globais. *Ambiente de Moradia e Trabalho* – urbanização. *Mudanças de economia de serviços para experiência* – ênfase no fornecimento de experiências únicas para envolvimento pessoal do cliente. *Marketing* – uso de tecnologia eletrônica para identificar e comunicar-se com segmentos e nichos de mercado. (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p.450).

Segundo Silva (2005, p.3), o turismo, por sua característica de emissão e recepção, apresenta dois problemas básicos: “má distribuição no tempo e sua polarização no espaço”, o que revela necessidades de maior racionalidade econômica no controle das variáveis envolvidas, visando ao desenvolvimento das suas potencialidades. Ainda segundo o autor, “o turismo se preocupa com a produção e distribuição de bens e serviços que tornam possíveis os benefícios esperados pelos turistas em viagens.”, embora tais bens e serviços possam ser produzidos em diversos setores da economia.

Os autores esclarecem que o turismo depende de um conjunto de fatores que são afetados pelas ações e comportamentos humanos, de forma deliberada ou não.

A expansão turística representa aumento na demanda por produtos agrícolas, mobiliários, transportes, construção civil e outros. A aquisição de

produtos na localidade contribui para a elevação do número de empregos, gera mais receita para empresários, aumenta a receita tributária e fixa a população. Os impactos econômicos gerados pela atividade turística são: *Redução dos desequilíbrios regionais* – nas regiões com nível baixo de renda média, o aumento da demanda turística provoca uma série de efeitos multiplicadores sobre diferentes setores produtivos que lá funcionam. Esta demanda adicional enseja uma ampla gama de aquisições de bens e serviços que, por sua vez, faz com que outros bens e serviços sejam adquiridos, e assim sucessivamente. *Contribuição na Arrecadação de Impostos* – A atividade turística tem uma importante contribuição para a arrecadação de tributos. Efeitos *Multiplicadores de renda, produção e emprego* – o multiplicador de produção relata o momento de produção adicional gerada na economia como consequência de um aumento no gasto turístico. O multiplicador da renda pode ser entendido como a mensuração da renda adicional gerada na economia devido a um aumento no gasto turístico. *Contribuição na formação do Produto Interno Bruto (PIB)* – Se o turismo cresce tudo cresce ao seu redor, inclusive o setor terciário. O turismo está inserido no setor econômico que, ao longo das últimas décadas, vem aumentando consideravelmente sua participação percentual na composição do Produto Interno Bruto das economias mais avançadas. (FERNANDES e COELHO, 2002, p.90).

Conforme o descrito acima, o turismo gera impactos importantíssimos para o desenvolvimento econômico regional e se apresenta como um elemento capaz de amenizar os problemas estruturais, principalmente aqueles relacionados aos desequilíbrios regionais, a concentração econômica e de rendas.

Neste sentido, Beni (2002, p.64) afirma que “A contribuição de cada um dos setores produtivos na geração do produto total da economia, com uma estrutura de emprego de fatores determinados para uso de uma tecnologia própria das condições econômicas, sociais e políticas de um país, reflete-se, entre outros fenômenos econômicos, no grau de desenvolvimento econômico alcançado por

uma nação.” Sendo assim, a utilização dos recursos para a produção de bens e serviços destinados ao turismo é “condicionante permanente de sua evolução, tanto na ordem micro quanto na ordem macroeconômica.”

O turismo “está englobado no setor terciário ou setor de serviços.” Este gera três tipos de efeitos sobre a economia: a) efeitos globais sobre a economia nacional, como financiamento do déficit exterior, ou mudanças na dependência exterior e sobre a ordem econômica internacional; b) efeitos parciais sobre a economia nacional relacionados à produção, emprego, balanço de pagamentos, taxas de câmbio, oferta monetária, circulação de moeda, arrecadação pública, gastos públicos, inflação, especulação do solo, distribuição de renda, desenvolvimento regional, meio rural e movimento demográfico; c) efeitos externos sobre meio ambiente, formação profissional, hábitos de consumo, alterações sociais e culturais. (MONTEJANO, 2001, p.105).

Os autores citados foram unânimes em afirmar que o turismo é, ao mesmo tempo, determinado e determinante do desenvolvimento econômico. A possibilidade de o turismo criar benefícios líquidos maiores para a sociedade do que outro tipo de empreendimento depende, sobretudo, da natureza da economia. O que se discute é se a alocação de recursos para fins do turismo oferece ou não melhores condições para o desenvolvimento regional.

O turismo “é uma exportação invisível, no sentido de que cria um fluxo de moeda estrangeira para a economia de um país e com isso contribui diretamente para a situação da balança de pagamentos”. (THEOBALD, 2002, p.88).

O turismo parece ser mais eficiente do que outras indústrias para gerar empregos e renda nas regiões menos desenvolvidas, frequentemente distantes, de um país onde as oportunidades alternativas de desenvolvimento são mais limitadas. Na verdade, é nessas áreas que o turismo pode ter o seu impacto mais significativo. O crescimento do turismo em tais áreas pode fornecer também um incentivo monetário para a continuidade de muitos artesanatos artísticos locais, ao passo que os hotéis para turistas criam um mercado para a produção local.

A alocação de recursos para fins do turismo é mais eficiente para o desenvolvimento de regiões menos favorecidas, pois atrai um fluxo de renda importante, que gera efeitos multiplicadores, além disso exige uma série de investimentos que, no mais das vezes, são provenientes de poupanças externas.

Em conformidade com Silva (2004, p.5), o turismo se relaciona com diversos setores da economia e representa “um conjunto de atividades produtivas, no qual os serviços têm um caráter prevalente, que interessam a todos os setores econômicos de um país ou uma região, se caracterizando por possuir, de uma *interdependência estrutural* com as demais atividades, em maior grau e intensidade que qualquer outra atividade produtiva.”

Essa afirmação de Silva se conforma com a visão de Theobald, de que o turismo é muito eficiente para gerar emprego, renda e tributos. A questão da interdependência estrutural entre turismo e demais atividades diz respeito ao conjunto de relações de causa e efeito entre turismo e economia. Evidencia-se também que o desenvolvimento do turismo requer um volume de investimentos considerável em infra-estrutura e demais equipamentos turísticos, o que acaba por afetar os demais setores da economia, pois os investimentos em si também têm um efeito multiplicador muito grande.

2.2.1 A Macroeconomia do Turismo

Na seção anterior, foram introduzidos alguns dos aspectos macroeconômicos do turismo, quando da apresentação dos impactos gerados pelo turismo sobre a economia. Nesta seção, buscou-se apresentar de forma mais detalhada, o comportamento das variáveis macroeconômicas, quando afetadas pelas atividades turísticas.

Segundo Montejano (2001, p.104), a macroeconomia do turismo se caracteriza como, “o estudo das magnitudes agregadas da economia turística e de seus comportamentos e inter-relações. Estuda, portanto, as atividades humanas

com relação à atividade turística de grandes grupos – países, regiões, etc. –, expressando-se mediante as magnitudes ou agregados econômicos.”

Sendo assim, a macroeconomia do turismo se dedica a estudar: O valor adicionado bruto do turismo. O turismo dentro do marco do Produto Interno Bruto e do Produto Nacional Bruto. O emprego total direto e indireto da população ativa dedicada ao turismo. A renda nacional e a posição da renda nacional turística dentro do conjunto. Os investimentos globais em empresas de serviços turísticos. O consumo turístico global (gasto total efetuado em bens e serviços diversos). Os preços dos produtos e serviços turísticos, e o índice geral de variação de tais preços. Os salários da população ativa dedicada ao setor turístico. A demanda turística procedente do estrangeiro e a nacional que se distribui dentro do país, bem como a que se dirige para o exterior. A oferta da infra-estrutura turística e os ingressos de divisas no conceito de turismo, refletindo na balança de pagamentos. Os pagamentos de divisas por saídas de nacionais para o estrangeiro ou a compra ou importação de infra-estrutura turística do exterior, refletidos na balança de pagamentos.

Em conformidade com o descrito anteriormente, Beni (2002, p.70) afirma que “o turismo, em sua vertente econômica, é considerado proporção da demanda total, isto é, uma parte específica do consumo da exportação e da inversão em atividades também determinadas.”

Sendo o turismo um fenômeno social que demanda dos diversos setores da economia, do ponto de vista macroeconômico a decomposição da sua renda é importante. O valor acumulado ou renda das atividades ou dos ramos produtivos que são plenamente de turismo (hotelaria, equipamentos complementares de alimentação, agências de viagens e operadoras de turismo e outras). Valor acumulado ou renda das atividades ou ramos produtivos que prestam parcialmente, e não de maneira permanente, serviços turísticos (empresas de transportes, bancos, estabelecimentos comerciais, de espetáculos e outros). Valor acumulado ou renda de setores industriais, agrícolas ou de serviços, com repercussão direta ou indireta

pela ação de crescimento do turismo (construção, alimentação, comunicações, obras de infra-estrutura, indústria em geral e outros). Salários, juros, lucros e aluguel conforme os demais fatores empregados. (BENI, 2002, p.66).

O valor ou percentagem da renda que possa ser atribuída ao turismo poderá ser decomposta segundo em três grandes categorias: *Valor agregado ou renda de atividades ou ramos produtivos plenamente turísticos* – hotelaria, restaurantes, transportes, agências de viagens, centros urbanísticos e de recreação - ponderados pelo coeficiente de consumo turístico no total da produção; *valor agregado ou renda de atividades ou ramos produtivos que vendem serviços ou bens aos turistas, sem que sejam considerados setores turísticos* – estabelecimentos comerciais, bancos, reparos de veículos – na parte proporcional da demanda turística; e *valor agregado ou renda de setores industriais, agrários ou de serviços pela repercussão da demanda turística* – conteúdo direto ou indireto – ou seja, construção, alimentação, obras de infra-estrutura. A acumulação ou agregação desses valores expressará o peso global do turismo na renda. (FIGUEROLA apud SILVA, 2004, p.6).

Compreendida a forma como a renda do turismo é decomposta, resta entender o efeito multiplicador da renda do turismo. Sendo assim, Lage e Milone (2001, p.125) definem o multiplicador “como um coeficiente numérico que quantifica a modificação induzida, via variação dos níveis dos investimentos, no nível de equilíbrio da renda nacional, devido a uma alteração inicial do nível dos gastos totais da economia.” e acrescentam “o efeito multiplicador representa o fenômeno pelo qual algum acréscimo ou decréscimo inicial dos gastos totais irá ocasionar uma elevação ou uma diminuição mais do que proporcional do nível de equilíbrio da renda ou produto nacional.”¹

¹ O valor numérico do multiplicador, k , é dado por: $k = (1 / (1 - (PMaC + PMaIM)))$ ou $k = 1 / (PMaP + PMaIM)$ onde: $PMaC$ = propensão marginal a consumir $\Delta C / \Delta R$; $PMaP$ = Propensão marginal a poupar $\Delta P / \Delta R$; $PMaIM$ = propensão marginal a importar $\Delta IM / \Delta R$. (adaptado de Lage e Milone, 2001, p.125)

Ainda na visão dos autores, “os multiplicadores específicos do turismo permitem quantificar as variações dos níveis de renda, do emprego, do produto e da entrada ou saída de divisas, em decorrência das variações verificadas nos níveis iniciais de gastos com o turismo.” *Multiplicador da renda*: representa as variações da renda interna causadas pela variação inicial dos gastos turísticos; *multiplicador do emprego*: simboliza as variações do número de empregos ofertados, causadas pela variação inicial dos gastos turísticos; *multiplicador do produto*: demonstra as variações do produto, ocasionadas pela variação inicial no nível de gastos turísticos; *multiplicador das importações*: indica o valor associado das variações das importações de bens e serviços com gastos adicionais derivados do turismo; *multiplicador das receitas do governo*: representa o montante adicional de receita do governo, criado por cada unidade extra de gasto turístico. (LAGE e MILONE, 2001, p.137).

O descrito acima revela que o turismo traz impactos importantes sobre a renda de determinada região ou país. De acordo com Arendit (2002, p.87) o “interesse pela atividade turística vem se expandindo em escala mundial em razão das vantagens trazidas por ele.” O autor acrescenta ainda que “o turismo como atividade econômica provoca efeitos na renda nacional, no emprego, na balança de pagamentos e no desenvolvimento regional e no setor público.”

Dentro da visão macroeconômica do turismo cabe ressaltar que o turismo gera impacto sobre os termos de intercâmbio, embora a intensidade das trocas seja diferentes. De acordo com Castelli (2001, p.116), “o turismo internacional se constitui num ótimo estímulo ao comércio mundial, favorecendo, portanto, as trocas entre as nações.” Para este autor, o “montante de divisas entradas ou saídas do país, pela prática do turismo internacional, pode ser obtido através de duas modalidades: a) autoridades monetárias; b) sondagens.” Um dos aspectos fundamentais para se poder realizar uma análise econômica do turismo refere-se, precisamente, em saber identificar e computar as despesas turísticas. Estas vão

desde a aquisição de bens e serviços, que são fundamentais para a prática do turismo, até aqueles que são considerados acessórios. Trata-se de verificar a intensidade com que esses bens e serviços repercutem no turismo.

Conforme as referências descritas, a macroeconomia do turismo diz respeito aos agregados econômicos, ou seja, à demanda agregada, à oferta agregada, à renda, ao emprego, à inflação, aos investimentos, e aos impostos. Mas também se refere aos efeitos multiplicadores das variações dos gastos turísticos ou investimentos e rendas geradas pelo turismo. O presente estudo buscou focalizar os aspectos macroeconômicos e do desenvolvimento proveniente da atividade turística, pois esta foi a linha geral da análise proposta inicialmente.

2.3 O TURISMO COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

A seção anterior está focada na economia do turismo, com destaque para a macroeconomia, tendo em vista os objetivos deste estudo. Esta seção se dedicou aos aspectos conceituais e teóricos da relação *turismo-desenvolvimento econômico*.

Na análise da contribuição do turismo para o desenvolvimento econômico, um conceito surge como sendo altamente adequado: *Filière*, que para Blasco (1994) significa “cadeia de indústrias integradas”, ou um “conjunto articulado de atividades econômicas integradas cuja integração resulta de articulações em termos de mercados, de tecnologia e de capitais”. Sendo que o sistema produtivo pode ser “uma série de *filières* que começam com os recursos primários para desembocar na satisfação de uma necessidade humana”. De outro lado, o *Filière* pode ser visto como “um conjunto de operações econômicas e, por outro lado, como um conjunto de organizações”.

Na visão de Arendt (2002, p.103), “o turismo como atividade produtiva e geradora de emprego pode ser estendido para outras regiões, menos desenvolvidas, mas que possuem atrativos turísticos.” Segundo o autor, “isso permite transferir benefícios de uma região mais rica para outra mais pobre,

contribuindo para melhorar as condições de vida da população dessa última região através dos avanços de infra-estrutura e serviços proporcionados pelo turismo e estimulando o surgimento e o crescimento de outras atividades.” O autor acrescenta que a “atividade turística contribui para aumentar o mercado de outros produtos.” Além disso, “o turismo gera renda para o setor público e quanto maior for a renda criada pelo turismo, mais impostos serão arrecadados pelo governo”.

Ainda na visão desse autor, o turismo influencia nos níveis de investimentos em três áreas fundamentais: construção, equipamentos e acessórios; reformas e realocação de empreendimentos já em operação para que continuem com as mesmas características ao longo da sua vida útil; e fundos disponíveis para pagar os custos da produção.

Os impactos positivos do turismo sobre o desenvolvimento econômico podem ser classificados da seguinte forma: a) o turismo aumenta a renda do lugar visitado via entrada de divisas; b) o turismo estimula investimentos e gera empregos; c) o turismo é um meio de redistribuir riquezas; d) o turismo gera efeitos multiplicadores; e) o turismo pode contribuir para melhorar o balanço de pagamentos. Visto desta forma, o turismo é um motor para o desenvolvimento econômico.

Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002, p.280) seguindo a mesma linha de raciocínio de Blasco, afirmam que o “turismo afeta uma região durante períodos de intensa atividade de investimentos e após, quando os investimentos estão produzindo”, porém seus efeitos “dependem das ligações entre as unidades econômicas.” E acrescentam “os efeitos multiplicadores em ambos os casos são dependentes da força dos encadeamentos (*linkages*).” O que se conforma com o conceito de *Filière* já descrito. Para os autores o “multiplicador reflete a quantidade de atividade econômica nova gerada à medida que a renda básica circula através da economia.” Os autores alertam ainda para o fato de ser “*possível haver um setor turístico em crescimento e uma pobreza abjeta da população local, se não houver encadeamentos.*”

Até o presente, dois aspectos surgem como que cruciais para o desenvolvimento regional decorrente do turismo: o primeiro diz respeito ao *encadeamento produtivo*; o segundo diz respeito ao *efeito multiplicador*. Sendo essas as condições mais relevantes consideradas pelos autores.

O setor turístico tem uma estrutura singular. Ele é considerado um aglomerado de diversas unidades muito pequenas, englobando vários setores de serviços diferentes... O investimento em infra-estrutura parte dos governos e estimula investimentos em diversas empresas menores. Em função do pequeno porte dessas empresas, as necessidades de capital são relativamente baixas e o investimento acontece em ritmo acelerado. O investimento inicial provoca grande investimento em setores de apoio e terciários. Isto inclui também grandes investimentos em hotéis, restaurantes e *shoppings centers*, marinas e aeroportos. (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p.281).

O texto acima revela as possibilidades do efeito multiplicador dos investimentos no turismo. Além do impacto direto das despesas turísticas sobre uma área, existem também os impactos indiretos. O impacto indireto ou multiplicador entra em cena quando a despesa dos visitantes circula e recircula.

Quando a despesa de um turista injeta fundos na economia de uma área anfitriã, ocorre um efeito econômico que é, algumas vezes, a quantia gasta originalmente. Esse efeito é considerado *multiplicador de renda*. Gastos maiores precisam de mais empregos, o que resulta em um *multiplicador de empregos*. Como o dinheiro muda de mãos várias vezes durante um ano, existe um *multiplicador de transações*. Conforme o volume de negócios cresce em uma destinação turística, mais infra-estrutura e superestruturas são construídas. Isso resulta em um *multiplicador de capital*. (GOELDNER, RITCHIE e MCINTOSH, 2002, p.283).

Em conformidade com os autores, observa-se que o turismo tem efeitos diretos e indiretos sobre o desenvolvimento econômico. Os primeiros dizem respeito às atividades tipicamente turísticas. Os segundos dizem respeito aos

efeitos multiplicadores dos gastos turísticos, ou investimentos motivados pelo turismo. Para que o turismo cumpra seu papel no processo de desenvolvimento regional é preciso observar as duas condições anteriormente descritas – encadeamentos produtivos e efeito multiplicador.

O turismo se realiza por intermédio de um composto de atividades relativas ao alojamento – indústria da construção e de transformação; alimentação e bebidas – atividade agrícola e indústria alimentícia; transportes – indústria de transformação e de consumo energético; serviços; aquisições de produtos locais – artesanato e indústria do vestuário ou de transformação; visitas aos divertimentos – serviços.

Todas estas atividades estando ligadas aos atrativos turísticos. Esse e outros conglomerados de atividades permitem a realização do turismo. Sendo assim, os bens naturais e culturais tornam-se diretamente produtivos, participando do processo geral de expansão da economia. A colocação em circulação de bens não econômicos, até então considerados livres, está na raiz do fenômeno turístico, sendo que até então tais bens eram postos à margem do sistema produtivo. A inserção de bens naturais livres no sistema econômico gera custos representados pela infra-estrutura que pode afetar o meio ambiente.

A demanda por bens e serviços turísticos limita a capacidade de obtenção de lucros e impactos sobre a comunidade; a oferta de atrações turísticas limita a quantidade de benefícios que os turistas podem obter e, portanto, também os lucros e os impactos econômicos sobre a comunidade; as restrições de ordem técnica e ambiental envolvem situações que tratam da capacidade física de determinado centro receptivo; as restrições temporais – de um lado o tempo disponível para viajar limita as atividades que o turista pode desenvolver, e do outro lado a duração da estadia turística influencia a rentabilidade dos negócios e o impacto dos gastos turísticos sobre a economia; os problemas relativos à indivisibilidade de determinados produtos e serviços. (HAVAS apud SILVA, 2004, p.5).

A análise da contribuição do turismo para a economia regional deve considerar o ponto de vista da demanda agregada. De acordo com a ONU (2001),

“o ponto de partida para esta análise econômica é a consideração da atividade dos visitantes como uma atividade de *consumo* no sentido amplo, a qual se constitui o *núcleo dos aspectos econômicos do turismo*”.

Para ampliar a compreensão acerca do desenvolvimento econômico é preciso entender o que seja crescimento. Retomando o ponto de vista de Lage e Milone (2001, p.203) os autores definem que “crescimento econômico é o aumento contínuo do produto nacional, em termos globais ou per cápita de um país, ao longo do tempo.” Enquanto que desenvolvimento econômico é “o aumento contínuo do produto nacional e da qualidade de vida dos indivíduos de cada país, ao longo do tempo.” Neste sentido, é necessário que haja crescimento para que ocorra o desenvolvimento.

Esta seção abordou os aspectos conceituais do desenvolvimento econômico causado pelo turismo. Compreendeu-se que os investimentos públicos e privados são fundamentais para o desenvolvimento do turismo. É que o turismo pode provocar o crescimento econômico, porém não melhorar as condições de vida da população local, caso não haja os efeitos multiplicadores e os devidos encadeamentos produtivos.

2.4 O PLANEJAMENTO ECONÔMICO DO TURISMO

Os resultados positivos ou negativos dos impactos econômicos do turismo sobre uma comunidade dependerão do grau de desenvolvimento da região. Apesar da já mencionada importância econômica do turismo, cabe ressaltar que, como em qualquer segmento econômico, o turismo requer um ordenamento e direcionamento para gerar melhores e maiores benefícios. É neste contexto que o planejamento econômico do turismo se faz necessário e surge como uma condicionante do processo de desenvolvimento.

O turismo, por ser uma indústria vasta e complexa, deve ter suas principais metas de crescimento programadas e elaboradas por meio de um plano

econômico, que pode ser definido como um conjunto específico de metas econômicas quantitativas a serem atingidas em dado período. É uma tentativa de coordenar o processo de decisão econômica em longo prazo, influenciando e controlando o nível de crescimento das principais variáveis econômicas de forma a alcançar um conjunto de objetivos predeterminados. (LAGE e MILONE, p.209).

Os autores citados deixam claro que a interferência dos Governos na promoção do turismo é de fundamental importância, pois entre outros aspectos podem assegurar: os tipos de estratégias de desenvolvimento adotadas nos locais que sejam apropriadas; um programa de desenvolvimento turístico compatível com as condições locais; uma estrutura adequada. Além disso, é possível identificar, de antemão, os benefícios econômicos pretendidos do turismo. Em nível global, os principais requisitos para realizarmos um planejamento econômico que vise ao crescimento e ao desenvolvimento turístico são: investigar a demanda turística e suas tendências, ou seja, efetuar um estudo minucioso do mercado turístico; e avaliar os atrativos reais e potenciais da área turística a ser promovida ou reformulada.

Para que o crescimento ocorra e o desenvolvimento do turismo em um país ocorra de forma organizada, de acordo com um plano previamente delineado, em função das necessidades identificadas, é importante considerarmos a participação especial de dois agentes econômicos: a organização nacional do turismo, funcionando como uma empresa turística pública e o governo. O papel do governo no turismo, portanto é fundamental. Além dos aspectos mencionados, ele pode também criar mecanismos favoráveis para os investimentos turísticos por meio de regulamentações, incentivos, subsídios, créditos, assessorias técnicas, taxas preferenciais, facilidades especiais, ajuda nos custos operacionais, recrutamento e treinamento de mão-de-obra, incentivos e ajudas fiscais, etc. (LAGE e MILONE, p.213).

Segundo Theobald (2002, p.355), na “maioria dos países o desenvolvimento do turismo é uma atividade realizada em parceria entre os

setores privado e público.” Essa parceria depende das orientações políticas, econômicas e sociais de cada país. O autor acrescenta que “idéia do envolvimento do setor público no turismo baseia-se em conceitos de fracasso do mercado,” pois, “o mecanismo de mercado como o único árbitro na alocação de recursos para o turismo ignora as lições da história e está simplificando a natureza heterogênea desse produto.”

A conclusão é que a busca limitada das oportunidades privadas de lucro dentro do turismo pode ser frustrante. O resultado pode ser não o desenvolvimento turístico integrado que transpira a essência do país, mas um ambiente densamente povoado, com excesso de construções, sem pontos agradáveis, que poluem as praias, contrariando os interesses de uma política de turismo nacional.

Na visão do autor, caso não haja o planejamento econômico do turismo, os resultados podem ser desastrosos. Neste sentido, Beni (2002, p.100) afirma que “é necessário, portanto, que sejam delineadas diretrizes básicas de uma política econômica nacional para o desenvolvimento do turismo.” E acrescenta que “trata-se de definir a lógica de um Plano de Desenvolvimento Turístico em nível global e regional.” O autor, concordando com os demais já citados, afirma que “o turismo é uma atividade que requer a intervenção proeminente do Estado pelo que representa em suas características fundamentais.” Para o autor, “ao ponto de vista econômico, de fato, o turismo representa uma atividade plurissetorial que necessita de coordenações e de planejamento de seu desenvolvimento que só podem ser providos pelo poder público.”

Deve-se entender por Política de Turismo o conjunto de fatores condicionantes e de diretrizes básicas que expressam os caminhos para atingir os objetivos globais para o turismo do país; determinam as prioridades da ação executiva, supletiva ou assistencial do Estado; facilitando o planejamento das empresas do setor quanto aos empreendimentos e às atividades mais suscetíveis de receber apoio estatal. Ela deverá nortear-se por três grandes condicionamentos: o cultural, o social e o econômico.

Ainda sob a ótica de Beni (2002, p.109), a política “pode ser definida como um curso de ação calculado para alcançar objetivos.” Segundo ele, os objetivos são “direções gerais para o planejamento e a gestão do turismo, baseadas em necessidades identificadas dentro de restrições de mercado e de recursos.” O ponto crucial do planejamento estratégico “é a necessidade de um propósito unificante, consentido pelo governo, para assegurar que os diversos elementos do turismo fluam na mesma direção.”

De acordo com Swarbrooke (2000, p.4), existem muitas razões pelas quais o Setor Público deva assumir a liderança no desenvolvimento do turismo sustentável. Entre as quais: “o setor público tem poder para representar toda a população, não apenas grupos ou indivíduos interessados.” Os instrumentos que o poder público deve adotar na condução do desenvolvimento do turismo são diversificados. A saber: legislação e regulamentações; financiamentos e incentivos fiscais; planejamento do uso do solo; desenvolvimento e controle da construção; fornecimento da infra-estrutura; padrões oficiais; controle sobre o número de turistas.

O planejamento econômico do turismo é essencial para o seu desenvolvimento sustentável, além disso, para que o turismo cumpra o seu papel no desenvolvimento econômico regional. Em linhas gerais, é preciso que se defina uma política econômica do turismo, diretrizes e objetivos claros. Entretanto, afirmam os autores citados, não basta planejar é preciso também investir para corrigir as falhas do mercado. Neste sentido, a parceria entre o setor privado e o público é fundamental. Sem a devida orientação dos rumos que o turismo deve seguir, definidas em um plano de desenvolvimento do turismo, o turismo pode gerar impactos social e ambientalmente negativos.

A próxima seção será dedicada à análise histórica da importância do turismo e sua evolução, demonstrando que à medida que a sociedade se desenvolve o turismo ganha novas dimensões e abrangências, além de gerar efeitos importantes para o próprio desenvolvimento da sociedade.

3 EVOLUÇÃO RECENTE DO TURISMO

Esta seção apresenta uma análise longitudinal da importância do turismo, com diferentes abrangências territoriais, ou seja, o turismo no mundo, no Brasil, no Paraná e em Foz do Iguaçu. Esta seção é de suma importância para compreensão da atividade turística regional, pois apresenta dados históricos significativos e relevantes para os objetivos deste estudo.

3.1 IMPORTÂNCIA E EVOLUÇÃO DO TURISMO

O turismo é um fenômeno da sociedade contemporânea que apresenta elevadas taxas de crescimento. De acordo com a OMT – Organização Mundial do Turismo, órgão das Nações Unidas responsável pelas políticas de turismo - este segmento está entre aqueles que apresentam as maiores taxas de crescimento. Entre 1950-60 o turismo teve um crescimento em termos de número de turistas de 10,6%; 9,1% entre 1960-70; 7% entre 1985-90; 4,3% entre 1995-2000. Em 2000, o volume internacional de turistas alcançou a cifra de 697,8 milhões, sendo os principais países emissores de turistas no mundo os seguintes: Alemanha com gasto de US\$ 50,675 milhões; Estados Unidos com US\$ 45.855 milhões; Japão com US\$ 36,792 milhões; Reino Unido com US\$ 24,737 milhões; França com US\$ 16,328 milhões; Itália com US\$ 12,419 milhões; Áustria com US\$ 11,687 milhões, nesta ordem segundo a sua importância mundial.

O número de turistas internacionais dobrou em relação ao ano de 1986 que era de 338 milhões, passando em 2000 para 697,8 milhões de turistas, representando no período uma taxa de crescimento de 7,6% ao ano.

Ainda conforme a OMT, em 1999, a renda mundial do turismo alcançou US\$ 455,440 milhões. O nível de empregos gerados em 2001 foi de 320 milhões, enquanto a geração de impostos alcançou em 2001 a cifra de US\$ 970 bilhões.

Pelas suas características, o setor é tido como grande empregador de mão-de-obra e desponta no mundo inteiro como uma alternativa interessante para diminuir o desemprego.

Visto pelo lado da oferta, o turismo se restringe às atividades voltadas especificamente para este fim, como agências de turismo, transportes e hotelaria, porém quando vista pelo lado da demanda, este segmento econômico se amplia significativamente.

No Brasil, o turismo ganha relevo em função do volume de empregos gerados, que era em 1990 de 5,7 milhões, passando em 2001 para 10,3 milhões. Estima-se que de cada 11 trabalhadores um está empregado no setor de viagens e turismo. De 1992 até 2001, o crescimento do número de empregos foi muito grande, sendo que de 1992 para 1995 de 7,1%, de 1995 para 1996 de 30%, de 1996 para 2001 de 32,1%. (EMBRATUR, 2006).

A geração de impostos no Brasil, decorrente do segmento turístico não foi menos importante, pois em 1990 gerou US\$ 7,14 bilhões, em 1996 US\$ 8,56 bilhões e em 2001 US\$ 12,9, acompanhando o crescimento do segmento econômico na geração de empregos. Em relação ao turismo doméstico brasileiro, em 1998, o número de turistas foi de 38.2 milhões, gerando uma renda de R\$ 12,7 bilhões, sendo que o e maior estado emissor de turistas é São Paulo com 9,3 milhões, seguido do Paraná com 2,8 milhões e Minas Gerais e Rio de Janeiro com 2,5 milhões.

De acordo com a EMBRATUR (1998), o turismo brasileiro em 1980 tinha uma participação de 2,62% do PIB, ou seja, R\$ 12,9 bilhões, em 1990 a participação era de 9,1%, representando R\$ 52,4 bilhões e em 1995, 8,0%, representando R\$ 52,67 bilhões. O que significa que o segmento do turismo cresceu muito acima da economia como um todo.

TABELA 1 - CRESCIMENTO DO PIB E DA PARTICIPAÇÃO DO TURISMO

ANOS	PIB BRASILEIRO (%)	PIB TURÍSTICO/PIB TOTAL (%)
1988	-0,1	6,9
1989	3,1	8,5
1990	-4,3	9,1
1991	0,3	7,4
1992	-0,9	6,9
1993	4,2	0,0
1994	5,8	7,7
1995	4,2	8,0
Média	1,5	6,8

FONTE: MICT/Embratur (1998)

Segundo o BCB – Banco Central do Brasil (2006), na década de 60 (1961-1970) o PIB – Produto Interno Bruto brasileiro cresceu em média 6,17% ao ano, na década 70 (1971-1980) 8,63%, na década de 80 (1981-1990) 1,57% e na década de 90 (1990-2000), 2,65%, onde se verifica que apesar do desempenho da economia brasileira como um todo ter sido, nas duas últimas décadas, muito fraco, o segmento do turismo continuou crescendo significativamente.

Segundo dados recentes da ABAV – Associação Brasileira de Agências de Viagens, o valor movimentado pelos agentes de viagens brasileiros, em 2004, foi de US\$ 3,2 bilhões. O número de turistas estrangeiros que desembarcaram no Brasil foi de 669,819, os quais injetaram na economia brasileira US\$ 3,22 bilhões. É feita a estimativa de que a participação do turismo no PIB em 2005, alcance US\$ 55,1 bilhões. De acordo com a ABAV (2006), o turismo está ligado diretamente a 52 setores da economia brasileira e movimenta US\$ 38 bilhões por ano. Ao mesmo tempo, estimativas do Ministério do Turismo revelam que em 2005 o turismo gerou 250 mil novos empregos, 19% a mais do que em 2004, sendo que a hotelaria gerou 228 mil empregos. Existe também expectativa de investimento no setor, no período de 2008 da ordem de R\$ 3,4 bilhões. Só em 2006, o turismo já gerou, segundo a ABAV (2006), 47,2 mil novos empregos. Em 2005, o turismo foi o segmento que mais contratou mão-de-obra no Brasil com crescimento das contratações de 14,23% no ano.

Os dados sobre o turismo brasileiro demonstram que ele é um segmento econômico dinâmico. Também revelam que mesmo durante períodos em que a economia brasileira cresceu pouco, o turismo teve taxas de crescimento elevadas. Segundo a Embratur (1998), a população economicamente ativa empregada no turismo é de 5,7 milhões em 1990 e 5,8 milhões em 1995, sendo que em toda a economia era, respectivamente, de 64,5 e 74,1 milhões.

3.2 O TURISMO NO PARANÁ E FOZ DE IGUAÇU EM COMPARAÇÃO COM O BRASIL

O turismo no Paraná também tem se comportado de forma muito dinâmica. Considerando o crescimento do segmento turístico em 2005 observa-se que o turismo paranaense cresceu 23 vezes mais do que a economia em 2004.

No Paraná, segundo dados da SETU – Secretaria de Estado do Turismo, o fluxo de turistas em 2001 foi de 5,6 milhões, em 2002 de 5,5, em 2003 de 6,2, em 2004 de 6,7 e em 2005 de 7,3 milhões de turistas, dos quais 47% do próprio estado, 39% interestadual e 14% internacional.

TABELA 2 - O FLUXO DE TURISTAS NO PARANÁ

DESCRIÇÃO	ANOS				
	2001	2002	2003	2004	2005
Número de Turistas	5.670.614	5.552.244	6.210.930	6.708.641	7.350.912
Estadual	2.835.307	2.665.077	2.981.246	3.018.888	3.454.929
Interestadual	1.928.009	1.943.285	2.235.935	2.549.284	2.866.856
Internacional	907.298	943.881	993.749	1.140.469	1.029.128
TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL					
Número de Turistas		-2,1%	11,9%	8,0%	9,6%
Estadual		-6,0%	11,9%	1,3%	14,4%
Interestadual		0,8%	15,1%	14,0%	12,5%
Internacional		4,0%	5,3%	14,8%	-9,8%

FONTE: SETU/2006

A permanência média dos turistas foi de 3,7 dias, sendo o gasto médio per cápita/dia US\$ 60,0, estimando-se uma renda total gerada pelo turismo de US\$

835 milhões em 2001, US\$ 899 milhões em 2002, US\$ 1,12 bilhões e, 2003, US\$ 1,05 bilhões em 2004 e US\$ 1,63 bilhões em 2005. O segmento do turismo no Paraná apresentou taxas de crescimento muito elevadas, sendo que em 2002 cresceu 7,6%, em 2003 cresceu 25,4%, em 2005 cresceu 55,2% em termos da renda gerada.

No período de 2001 a 2004, a economia paranaense, segundo o IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, revela um PIB estadual de R\$ 72,7 bilhões, e uma taxa de crescimento de 4,59%, em 2002, R\$ 81,4 bilhões e um crescimento de 1,7%, em 2003, R\$ 99,0 bilhões e um crescimento de 5,2% e em 2004, R\$ 108,2 bilhões e um crescimento de 2,4%. A economia paranaense cresceu em média 3,47% ao ano no período de 2002 a 2004, ou seja, superior ao crescimento da economia brasileira que na década de (1990-2000), 2,65%. No período de 2002 a 2005, o turismo do Paraná cresceu em média 20,4% ao ano, ou seja, o turismo cresceu 5,9 vezes a mais do que a economia paranaense por ano e 7,7 vezes mais do que a economia brasileira por ano, no período 1990-2000, em termos de renda gerada.

Em Foz do Iguaçu, os números do turismo segundo a Secretaria Municipal do Turismo – SMTU (2006) revelam a grande importância do segmento para a economia municipal. Com toda a sua diversidade de atrativos turísticos, o município representa um dos mais belos destinos turísticos do mundo. Possui riquezas naturais incomparáveis, como o Parque Nacional do Iguaçu, tombado como Patrimônio Natural da Humanidade. A Itaipu binacional é tida como uma das maravilhas da engenharia reconhecida no mundo inteiro e também um grande atrativo turístico. O município possui grande parque hoteleiro, sistema de transportes, gastronomia, serviços de apoio e locais para realização de eventos.

Segundo dados da SMTU, os dois principais motivos das viagens são: Turismo, média de 80,7% entre 2000 a 2003, Negócios/Congressos como 11,7%, restando 7,6% para outros motivos. O tempo médio de permanência é de 3,6 dias,

o gasto médio dos turistas é igual ao do Estado do Paraná, sendo US\$ 60,4 per capita/dia.

Classificada como 6ª cidade mais visitada do país, a frente de Búzios -RJ, Florianópolis - SC, Belo Horizonte - MG, a cidade de Foz do Iguaçu recebeu um fluxo de turistas em 2005 de 1.449.838 pessoas, sendo os principais pólos emissores: Paraná 28,6%, seguido de São Paulo 15,1%, entre outros estados brasileiros. Em nível internacional, destacam-se Argentina (5,8%), Estados Unidos (2,1%), entre outros. Desta forma 74,1% dos turistas são brasileiros e 25,9% chegam do exterior.

Em Foz do Iguaçu, o número de empregos gerados pelo turismo segundo SMTU (2004), foi de 9.264 empregos permanentes e 508 temporários, em 529 atividades ligadas ao turismo. O município dispõe de 32 atrativos turísticos, 142 meios de hospedagens, totalizando 19,637 leitos disponíveis. A estrutura para eventos tem uma capacidade para 42,290 pessoas. O número de pousos e decolagens no aeroporto internacional de Foz do Iguaçu atingiu em 2005 a quantidade de 5.456, com 412.968 passageiros.

A partir do fluxo de turistas, dos dados de permanência e do gasto diário fornecidos pela SETU, a renda anual gerada pelo turismo em Foz do Iguaçu pode ser estimada (segundo câmbio médio anual) no ano de 2000 em R\$ 308.242.256. Em 2001 foi de R\$ 372.969.921, em 2002 de R\$ 534.847.465, em 2004 de R\$ 623.020.638 e, em 2005 de R\$ 808.038.792. No período de 2000-2005, o turismo no município, sob a ótica da renda gerada, cresceu em média 22,6% ao ano. Sendo assim, o turismo de Foz do Iguaçu, anualmente cresce acima do turismo do Paraná, já que este último cresceu em média 16,2% ao ano.

Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o PIB do município de Foz do Iguaçu em 2001 foi de R\$ 3.536.683.000, sendo a participação da renda do turismo de 10,5% e em 2002, de R\$ 3.748.625.000 com a participação do turismo de 14,3%, representando um crescimento anual de

“apenas” 6%. Estimando um crescimento do PIB municipal a uma taxa anual de 6% para 2003 o montante é de R\$ 3.973.542.500 com uma participação do turismo de 15,4% e, em 2005 o PIB foi de 4.450.367.600 com participação do turismo de 18,2%. A participação média do turismo no PIB de Foz do Iguaçu é de 6,2%.

Ainda de acordo com os dados da SMTU, os principais setores demandados pelo turismo são serviços, comércio, transportes, energia e água. Se adotarmos a classificação por setor primário, secundário e terciário, observa-se que o turismo em 2001 representava 15,3% do valor adicionado pelo setor de serviços e em 2002 aumentou para 23%.

A tabela abaixo revela que a atividade turística vem crescendo de forma significativa nos últimos anos. No Paraná, a média de crescimento anual é menor do que a média nacional, porém em Foz do Iguaçu esta média supera a média nacional. Em 2005, o turismo paranaense cresceu bem acima da média nacional, representando uma recuperação em relação ao período anterior de 2004.

TABELA 3 - CRESCIMENTO DO TURISMO SEGUNDO A RENDA GERADA

ANO	BRASIL (%)	PARANÁ (%)	FOZ DO IGUAÇU (%)
2002	15,4	7,7	43,4
2003	24,1	25,0	-0,7
2004	30,0	-5,1	17,3
2005	19,8	37,0	29,7
Média	22,3	16,2	22,4

FONTE: BCB (Receita Cambial)/ SETU (Renda Estimada)

Em Foz do Iguaçu, no período de 2005, o crescimento do turismo foi acentuado, situando-se acima do crescimento nacional, porém abaixo do crescimento paranaense.

Além dos benefícios da geração de emprego, renda e impostos, o turismo pode contribuir para a distribuição de renda entre as diferentes regiões do país, reduzindo assim as desigualdades internas, uma vez que regiões pobres recebem turistas de regiões ricas absorvendo rendas através dos gastos dos turistas. O

turismo constitui-se numa possibilidade concreta de minimização das disparidades regionais do país. Outra característica importante do turismo é que demanda um grande número de trabalhadores, ganhando status de mão-de-obra intensiva.

Pelos dados anteriormente apresentados, por ser o turismo um fenômeno da sociedade contemporânea e ter aderência com a modernidade atual, pois por um lado é fonte geradora de riqueza, por outro a válvula de escape das tensões do cotidiano das grandes cidades, sendo o município de Foz do Iguaçu um grande operador do turismo, a questão é *quais as contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu?* Sendo esta a situação problema deste estudo.

Dada a importância sócio-econômica do turismo e suas contribuições para o desenvolvimento local, questões desse tipo podem ser respondidas através da análise da evolução das rendas, empregos e impostos gerados pelo turismo no município ao longo do tempo, que refletem os resultados finais alcançados pelo segmento. Aspectos esses influenciados pela taxa de câmbio, pelas políticas públicas, pela inflação e o desempenho econômico das regiões emissoras.

3.3 A EXPANSÃO DO TURISMO

Baseando-se na teoria econômica, pode-se dizer que a demanda turística é a quantidade de um bem ou serviço que as pessoas estão dispostas a comprar os determinados níveis de preços. A fim de analisar a demanda turística torna-se necessário ter acesso a um conjunto de informações, que são indispensáveis ao planejamento, tais como:

- Local de residência dos turistas;
- Perfil sociodemográfico dos turistas;
- Perfil socioeconômico;
- Motivos das viagens;
- Meios de transportes utilizados;

- Meios de hospedagens utilizados;
- Locais de compras dos produtos turísticos;
- Hábitos de consumo no destino turístico;
- Fatores de decisão na compra de produtos turísticos;
- Época de consumo dos produtos turísticos;
- Tipologia dos grupos de viagens.

O turismo é um fenômeno da sociedade contemporânea que apresenta elevadas taxas de crescimento. Na tabela 4, são apresentadas evidências empíricas da demanda turística mundial.

TABELA 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO DO TURISMO INTERNACIONAL

PERÍODOS	VARIAÇÃO DO CRESCIMENTO NO PERÍODO (%)	TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO (%)
1950 – 1960	174,20	10,60
1960 – 1965	139,20	9,10
1965 – 1970	46,90	8,10
1970 – 1975	34,10	6,10
1975 – 1980	28,70	5,20
1980 – 1985	14,40	2,80
1985 – 1990	40,00	7,00
1990 – 1995	23,40	4,30
1995 – 2000	23,40	4,30

FONTE: Organização Mundial do Turismo - OMT

Os dados apresentados pela OMT revelam que o turismo teve nos últimos 50 anos um crescimento expressivo, em várias situações, acima do crescimento econômico, considerando todo o período da tabela acima, o crescimento médio anual foi de 6,4%, alcançando em 2000 um volume internacional de 697,8 milhões de turistas. Os principais países emissores do mundo fora os que estão classificados na tabela 5.

TABELA 5 - PRINCIPAIS PAÍSES EMISSORES DE TURISTAS DO MUNDO

PAÍS	GASTOS COM VIAGENS PARA O EXTERIOR - 1995 (em US\$ milhões)	PIB (em US\$ milhões)
Alemanha	50,675	1,910,760
Estados Unidos	45,855	6,259,899
Japão	36,792	4,214,204
Reino Unido	24,737	819,038
França	16,328	1,251,689
Itália	12,419	991,386
Áustria	11,687	182,067
Federação Russa	11,599	329,432
Holanda	11,455	309,227
Canadá	10,220	477,468
Bélgica	9,215	210,576
Taiwan	8,457	425,611
Suíça	7,636	232,611
Coréia	5,903	330,831
Polônia	5,500	85,853

FONTES: Organização Mundial do Turismo - OMT

De acordo com Ignarra (2003, p.28), muitas são as causas do crescimento do fenômeno do turismo, a saber:

- O aumento da renda per capita dos países desenvolvidos;
- O desenvolvimento dos meios de transportes;
- A evolução dos meios de comunicações;
- Os sistemas de informações dos agentes de turismo;
- O desenvolvimento da internet;
- O processo de urbanização;
- O processo de globalização;
- O crescimento do tempo livre;
- A automação industrial.

A demanda turística é determinada por uma série de fatores. Que segundo este mesmo autor podem ser descritos como segue: preço do produto; preço dos produtos dos concorrentes; preço dos produtos complementares; renda do consumidor; nível de investimentos em divulgação; modismo; variações climáticas; catástrofes naturais; disponibilidade de tempo livre.

A mensuração da demanda turística é um processo complexo, considerando que é formada por inúmeros segmentos, sendo que o dimensionamento do número de turistas é bastante difícil. Um processo de mensuração é contabilizar o número de visitantes nos portões de entrada das destinações turísticas. Outra metodologia é aquela que contabiliza visitantes nos meios de hospedagem. Sendo comum a mensuração dos fluxos de turistas por meio de fontes secundárias.

TABELA 6 - CRESCIMENTO DO TURISMO INTERNACIONAL

ANOS	NÚMERO DE TURISTAS (em milhares)	TAXA DE CRESCIMENTO (%)
1986	330,0	
1987	362,2	7,2
1988	394,8	9,0
1989	426,5	8,0
1990	458,2	7,4
1991	464,0	1,3
1992	503,4	8,5
1993	519,0	3,1
1994	550,5	6,1
1995	565,5	2,7
1996	596,5	5,5
1997	610,8	2,4
1998	626,7	2,6
1999	650,2	3,7
2000	697,8	7,3

FONTE: Organização Mundial do Turismo - OMT

No Brasil, a demanda turística apresenta taxas de crescimento elevadas. A tabela 4 revela uma participação crescente do PIB turístico em relação ao PIB nacional, apesar do que afirma Saab (2000, p.291) a cerca de vários obstáculos ao crescimento do turismo no Brasil, como segue.

A carência de infra-estrutura completa de serviços turísticos (ausência de uma ampla e adequada infra-estrutura hoteleira, inadequação dos serviços prestados por agências de viagens e operadoras de turismo e pouca oferta de serviços complementares aos de hospedagem, principalmente no tocante ao entretenimento e lazer); nível de segurança aos turistas, ainda insatisfatório

(intensificação da criminalidade nos grandes centros urbanos, principalmente, e de forma ostensiva, no Rio de Janeiro e em São Paulo); carência de uma adequada infra-estrutura de transporte aos turistas (preços ainda elevados das passagens aéreas domésticas, restringindo a flexibilidade de circulação do turista em mais de uma região do país, aproveitamento insignificante dos transportes ferroviário, marítimo e fluvial e necessidade de ampliação, reforma e modernização dos aeroportos nacionais); e carência de investimentos na divulgação do país no exterior e internamente, cujo montante se deu em níveis inferiores ao mínimo recomendado pela OMT, isto é, pelo menos 2% das receitas turísticas auferidas.

Contudo, o PIB turístico apresentado na tabela 7, revela a importância desta atividade para a economia brasileira.

TABELA 7 - ESTIMATIVA DO PIB TURÍSTICO E SUA PARTICIPAÇÃO NO PIB BRASILEIRO

ANOS	PIB TOTAL (Em R\$ milhões, a preços contantes, base 1995)	PIB TURÍSTICO (Em R\$ milhões, a preços contantes, base 1995)	PIB TURÍSTICO/ PIB TOTAL (%)
1980	492.628	12.907	2,6%
1987	584.206	38.685	6,6%
1988	583.574	40.431	6,9%
1989	601.890	50.972	8,5%
1990	575.995	52.419	9,1%
1991	577.890	42.938	7,4%
1992	572.838	39.610	6,9%
1993	596.837	0	0,0%
1994	631.574	48.740	7,7%
1995	658.100	52.670	8,0%

FONTE: MICT/Embratur/UFPE

Considerando um período mais longo de tempo do que aquele já descrito anteriormente, pois o propósito não é a repetição, pode-se observar que o PIB turístico que era em 1980 de R\$ 12.907 bilhões passou em 1995, para R\$ 52.670 bilhões, demonstrando que o turismo cresceu mais do que a economia como um todo. Se comparado o PIB nacional de 1995 com o de 1980 houve um crescimento total de 33,6% no período, enquanto o PIB Turístico cresceu, no mesmo período, 308,1% ou seja, 9,2 vezes mais que a economia como um todo. De outro lado,

enquanto que o PIB nacional cresceu em média 2,2% ao ano, o PIB do turismo cresceu 20,5% ao ano em média.

Por ser o turismo um fenômeno da sociedade contemporânea, sua demanda vem crescendo significativamente nos últimos anos, demonstrando o potencial de geração de renda e emprego em todas as partes do mundo.

Sob o ponto de vista do número de turistas no Paraná, o fenômeno do turismo apresenta dados altamente relevantes no tocante à demanda. A tabela abaixo demonstra que, entre o período de 2001 a 2005, segundo a SETU – Secretaria de Estado do Turismo (2006), o fluxo de turistas cresceu 29,6%, com uma taxa média anual de crescimento de 5,9%. Neste mesmo período a receita gerada pelo turismo cresceu 75,0%, ou seja, 15% ao ano, um crescimento altamente significativo se comparado ao desempenho da economia como um todo.

TABELA 8 - A DEMANDA TURÍSTICA NO PARANÁ

VARIÁVEIS	ANOS				
	2001	2002	2003	2004	2005
Fluxo Turistas	5,670,614	5,552,244	6,210,930	6,708,641	7,350,912
Estadual (%)	50.0	48.0	48.0	45.0	47.0
Interestadual (%)	34.0	35.0	36.0	38.0	39.0
Internacional (%)	16.0	17.0	16.0	17.0	14.0
Permanência Média (dias)	3.9	3.6	3.8	3.3	3.7
Gasto Médio Per Capta/Dia (US\$)	37.8	45.0	47.8	47.5	60.0
Receita Gerada (US\$ por mil)	835,961.92	899,463.47	1,124,000.29	1,067,915.40	1,462,828.40

FONTE: SETU/2006

A tabela acima demonstra ainda que o gasto médio per cápita por dia de permanência passou dos 37,8 dólares para 60,0 dólares americanos, representando um crescimento de 58,7% no período de 2001-2005. Além disso, o fluxo de turistas vem crescendo de forma significativa ao longo do período. O fluxo interno de turistas vem ampliando a sua participação, reduzindo um pouco o fluxo estadual e ampliando o interestadual. Do outro lado, o fluxo internacional começa a dar sinais de contração. A média de permanência dos turistas no Paraná permaneceu praticamente inalterada em todo o período. Porém, a receita total gerada teve grandes acréscimos ano após ano.

TABELA 9 - A DEMANDA TURÍSTICA EM FOZ DO IGUAÇU

VARIÁVEIS	ANOS				
	2001	2002	2003	2004 ⁽¹⁾	2005
Fluxo Turistas	732,725	769,387	986,090	1,188,392	1,449,838
Estadual (%)	31,9	30,2	31,5	31,2	28,6
Interestadual (%)	33,5	38,6	30,3	34,1	45,5
Internacional (%)	34,6	31,2	38,2	34,7	25,9
Permanência Média (dias)	3,8	3,7	3,0	3,5	3,6
Gasto Médio Per Capta/Dia (US\$)	59,8	47,7	77,5	61,7	68,2
Receita Gerada (US\$ por mil)	166,504.43	135,789.11	229,265.93	256,494.61	355,964.23

FONTE: SMTU/2006

(1) Média dos três anos anteriores

Sob o ponto de vista do número de turistas e não da renda, segundo dados da SMTU – Secretaria Municipal do Turismo (2006), o fluxo de turistas em Foz do Iguaçu, no período de 2001 a 2005, cresceu 97,8%, significando um crescimento médio anual de 19,6%. No mesmo período, o número de turistas provenientes do estado do Paraná caiu 10,3%, o número de turistas interestaduais subiu 35,8% e internacionais caiu 5,3%. Por outro lado, o gasto per cápita subiu 14,0%. Apesar da queda no fluxo de turistas internacionais, o turismo iguaçuense experimentou ou crescimento acentuado na renda gerada pelo turismo que, entre 2001 e 2005, cresceu 113,8%, ou seja, uma média anual de crescimento de 22,8%, muito acima do crescimento paranaense de 5,9% por ano em média.

TABELA 10 - PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA TURÍSTICA DE FOZ DO IGUAÇU NO TOTAL DO PARANÁ

VARIÁVEIS	ANOS				
	2001	2002	2003	2004 ⁽¹⁾	2005
Fluxo Turistas	12.9%	13.9%	15.9%	17.7%	19.7%
Estadual (%)	-36.2%	-37.1%	-34.4%	-30.7%	-39.1%
Interestadual (%)	-1.5%	10.3%	-15.8%	-10.2%	16.7%
Internacional (%)	116.3%	83.5%	138.8%	103.9%	85.0%
Permanência Média (dias)	-2.6%	2.8%	-21.1%	6.1%	-2.7%
Gasto Médio Per Capta/Dia (US\$)	58.2%	6.0%	62.1%	29.8%	13.7%
Receita Gerada (US\$ por mil)	19.9%	15.1%	20.4%	24.0%	24.3%

FONTE: SMTU/2006

(1) Média dos três anos anteriores.

Comparando a demanda turística de Foz do Iguaçu com a do Estado do Paraná como um todo, tem-se que cresceu a participação do município no fluxo de turistas do estado, passando em 2001 de 12,9% para 19,7% em 2005. No mesmo período, o número de turistas internacionais, que no município era 116,3% superior ao do estado, caiu para 85%, confirmando a redução do fluxo de turistas internacionais no município.

Em 2005, o gasto per cápita dos turistas no município de Foz do Iguaçu ainda era 13,7% superior ao do estado. De 2001 a 2005, a participação do município na receita gerada pelo turismo passou de 19,9% para 24,3% da receita de todo o estado. Os dados acima confirmam que a renda dos turistas é realmente uma determinante da demanda, quando o gasto diário dos turistas, a cada ano, se eleva na medida em que a renda per cápita dos brasileiros se eleva, principalmente porque o turismo interestadual é o que mais cresce.

4 OS DETERMINANTES DO TURISMO: A INFLUÊNCIA DO NÍVEL DE RENDA E DA TAXA DE CÂMBIO

Nesta seção é apresentada uma análise dos determinantes do turismo, bem como dos efeitos do turismo sobre renda e emprego. O que se apresenta é uma análise da relação de causa e efeito entre turismo e taxa de câmbio, turismo e nível de renda, turismo e níveis de emprego. Além disso, a seção apresenta a participação do turismo na economia local, demonstrando sua importância para o desenvolvimento.

4.1 A OFERTA TURÍSTICA

A oferta turística determina, em grande porte, o desempenho da atividade. É constituída por um conjunto de elementos que conformam o produto turístico, os quais, isoladamente, possuem pouco valor turístico (ou nenhum) ou têm utilidade para outras atividades que não o próprio turismo. O Produto Turístico – PT é composto por seis componentes: a) bens e serviços auxiliares; b) Recursos; c) infra-estrutura e equipamentos; d) Gestão; e) imagem da marca; f) preço.

Os bens e serviços necessários para atender a satisfação do consumidor são as matérias-primas do produto turístico e são compostos por: produtos alimentícios, de uso nas instalações turísticas, materiais esportivos e de limpeza, além de prestações de serviços, tais como o receptivo, a acolhida e a informação. Assim, compõem também esses serviços auxiliares os equipamentos comerciais e industriais, lavanderias, livrarias, cinemas, lojas de locação de veículos, guias turísticos e organizadores de eventos, além de empresas de engenharia, consultoria e seguros etc.

A oferta turística é tema muito complexo por que existe um grande número de setores envolvidos. Para produzir todos os recursos acima descritos

estão envolvidos os setores primários, secundários e terciários da economia. A oferta turística poder ser classificada em cinco categorias, que podem ser descritas conforme o quadro 4:

QUADRO 4 - OFERTA TURÍSTICA SEGUNDO SUAS CATEGORIAS

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Recursos Naturais	Ar, clima, acidentes geográficos, o terreno, a flora, a fauna, as massas de água, as praias, as belezas naturais, o abastecimento de água potável, usos sanitários e outros.
Recursos Culturais	Patrimônio arquitetônico, acervos dos museus, cultura popular local, gastronomia, artesanato, folclore, eventos, hábitos, costumes, música, literatura, língua etc.
Serviços Turísticos	Hospedagem, transportes turísticos, locação de veículos, embarcações, alimentação e bebidas, organização de eventos, espaços de eventos, entretenimentos, recepção de turistas etc.
Infra-Estrutura	Coleta de lixo, tratamento de esgoto, distribuição de gás, coleta de água pluviais, telefonia, energia elétrica e iluminação pública, sistema viário, mobiliário urbano, aeroportos, portos, marinas, rodoviárias, ferroviárias.
Serviços Urbanos	Serviços bancários, saúde, comunicações, segurança pública, apoio automobilístico, comércios especializados etc.

FONTE: Adaptado de Ignarra (2003)

A oferta turística é um conjunto de bens e serviços finais prontos para serem consumidos e colocados à disposição dos turistas. Tais bens e serviços não são produzidos por um setor específico denominado de “setor turístico”, mas sim por todos os setores da economia. Logo o turismo não representa uma produção em si, mas apenas um consumo daquilo que já foi produzido pelas diversas atividades econômicas ou pela natureza. Entretanto, existem atividades produtivas especificamente ligadas ao turismo, como já descrito anteriormente.

4.1.1 A Oferta dos Meios de Hospedagens

A tabela 11, a seguir, demonstra que a oferta dos meios de hospedagens cresceu em todo Paraná no período de 1998 a 2005. As taxas médias anuais de crescimento neste período, nas diferentes regiões do estado, foram: em Cascavel 31%, Curitiba 7%, Foz do Iguaçu 31%, Interior 53%, Litoral 14%, Londrina 24% e Maringá 17%. Considerando o total destas localidades, o crescimento médio anual

no período foi de 29%. Foz do Iguaçu aparece, em 2005, como primeira cidade do Paraná em número de unidades de hospedagem com 143 registros, superando Curitiba que aparece em segunda com 127 registros.

TABELA 11 - OFERTA DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS NO PARANÁ

LOCAIS	PERÍODO								%
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Cascavel	8	8	8	9	10	16	20	28	3,4
Curitiba	81	98	98	100	103	113	119	127	15,5
Foz do Iguaçu	41	55	55	90	84	129	142	143	17,5
Interior	84	97	97	132	139	198	244	441	53,9
Litoral	13	14	14	17	17	26	39	28	3,4
Londrina	11	17	17	18	19	32	32	32	3,9
Maringá	8	8	8	12	12	13	15	19	2,3
TOTAL	246	297	297	378	384	527	611	818	100,0

FONTE: SETU/2006

A análise mais detalhada da evolução dos meios de hospedagens em Foz do Iguaçu é possível a partir dos dados da tabela 12 que apresenta a evolução de todos os meios de hospedagens disponíveis na cidade.

TABELA 12 - EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS EM FOZ DO IGUAÇU

ANOS	HOTÉIS CLASSIFICADOS	HOTÉIS SEM CLASSIFICAÇÃO	MOTÉIS	POUSADAS	HOSPEDARIAS	APART-HOTÉIS (FLAT'S)	ALBERGUES	DORMITÓRIO	CAMPINGS	TOTAL (I)	TOTAL DE LEITOS (II)
1990	48	91	13	6	2	1	1	1	2	165	19.595
1991	48	121	14	9	6	2	1	1	2	204	21.778
1992	48	118	14	9	4	3	1	0	2	199	24.172
1993	49	119	13	9	4	3	1	0	1	199	24.863
1994	44	129	13	9	5	3	0	0	3	206	25.330
1995	44	131	15	16	4	3	0	0	2	215	26.126
1996	44	161	15	15	3	3	1	0	2	144	27.435
1997	42	151	16	17	3	2	2	0	1	134	23.836
1998	39	109	16	17	5	0	0	0	0	186	22.686
1999	38	107	16	17	3	2	0	0	2	185	23.438
2000	38	103	16	18	2	2	2	0	3	184	23.289
2001	149	0	19	13	0	2	2	0	2	187	-
2002	122	0	19	14	0	1	1	0	2	159	20.459
2003	118	0	20	15	0	1	1	0	2	157	19.988
2004	114	0	20	11	0	1	2	0	2	150	19.579
2005	108	0	20	9	0	1	2	0	2	142	19.637
2006	107	0	18	9	0	1	2	0	3	140	20.081

FONTE: SMTU/PMFI - 2007

As colunas que se referem aos hotéis classificados dizem respeito ao critério de classificação aceito pela SMTU que, até 2000, não classificava os hotéis da mesma maneira. É importante observar que houve uma retração substancial do número de hotéis que em 1990 era de 165, em 1996 no auge da hotelaria chegou a 244, unidades habitacionais e 27.435 leitos. Porém, em 2006, este número caiu para 140 unidades habitacionais e 20.081 leitos. A figura 1 ilustra os dados.

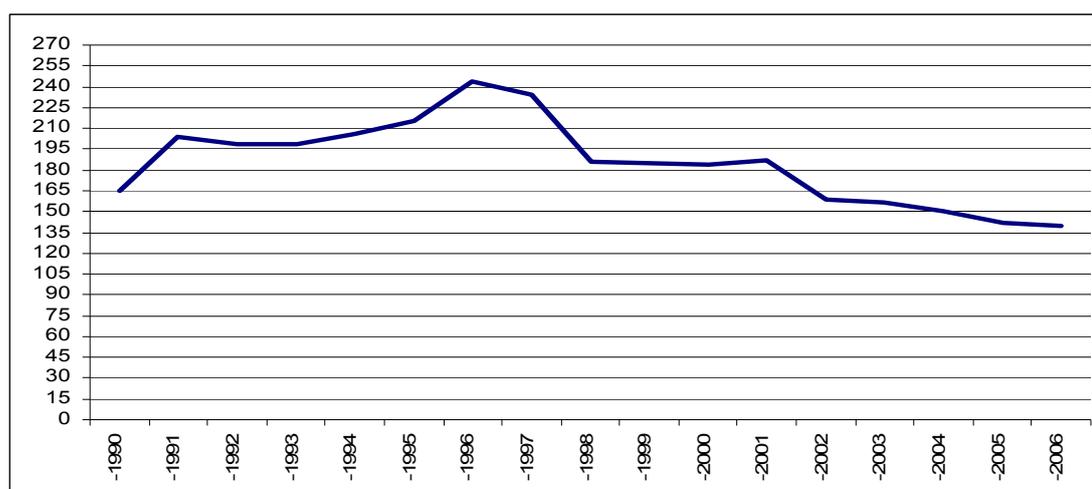
FIGURA 1 - EVOLUÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS EM FOZ DO IGUAÇU



FONTES: SMTU/PMFI - 2007

A figura 1 revela que o número de motéis permaneceu praticamente inalterado em todo o período, assim como os demais tipos de hospedagem. Analisando a figura 2, observa-se que em todo o período houve uma retração do número de meios de hospedagem, sendo que, a partir de 1998, o setor passa por momento de depressão, que mesmo com a elevação do número de turistas a partir de 2003, não se recupera. Por outro lado se aumentou o número de turistas e não faltaram meios de hospedagem, então pode-se afirmar que havia um excesso de oferta, o que também se verifica pelas taxas médias de ocupação.

FIGURA 2 - EVOLUÇÃO TOTAL DOS MEIOS DE HOSPEDAGENS EM FOZ DO IGUAÇU



FONTE: SMTU/PMFI - 2007

Os anos de 1996 e 1997 foram o auge da hotelaria iguaçuense, mas a partir de 1998 houve uma queda acentuada. Em 2001, o setor sofre outra grande retração. Em todos os períodos, as taxas de crescimento do setor se comportam de forma instável. Em 1991, o setor cresceu 24%, em 1992 decresceu -2%. Em 1993, o crescimento foi nulo, em 1994 e 1995, a taxa de crescimento foi de 4%. Em 1996, o crescimento foi de 13%, em 1997 foi de -4%, em 1998 houve uma grande retração do crescimento de -21%. Em 2002, o setor se retraiu novamente com um crescimento de -15%, e a partir daí vem se retraindo mais lentamente com taxas menores de até -5%. A explicação para este fenômeno parece estar mesmo no excesso de oferta que ocorreu de forma rápida e mal planejada. Por outro lado, grande parte dos hotéis servia aos compristas que vinham ao país vizinho, e que gradativamente foram diminuindo devido às ações governamentais, no sentido de inibir a atividade considerada ilícita para os cofres públicos, uma vez que extrapolavam a quota, sem o devido recolhimento dos impostos incidentes.

TABELA 13 - OFERTA DE UNIDADES HABITACIONAIS DE HOSPEDAGENS NO PARANÁ

LOCAIS	PERÍODO								%
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Cascavel	516	516	516	544	592	781	1,040	1,498	3,5
Curitiba	5,534	6,698	6,698	7,117	7,387	7,750	8,700	9,269	21,9
Foz do Iguaçu	4,102	5,552	5,552	7,252	7,209	8,308	8,550	8,542	20,2
Interior	5,033	6,116	5,438	7,257	7,724	9,780	11,465	17,819	42,1
Litoral	564	753	753	843	843	1,124	1,443	1,676	4,0
Londrina	940	1,314	1,314	1,463	1,595	1,934	2,160	2,222	5,2
Maringá	615	622	622	953	931	953	1,181	1,310	3,1
TOTAL	17,304	21,571	20,893	25,429	26,281	30,630	34,539	42,336	100,0

FONTES: SETU/2006

Quando se analisa a oferta de unidades habitacionais, observa-se que em Curitiba, apesar do número dos meios de hospedagens ser menor do que em Foz do Iguaçu, a quantidade de unidades habitacionais por meio é maior do que em Foz do Iguaçu.

A tabela 14, a seguir, apresenta a evolução do número de leitos em Foz do Iguaçu. Quanto à evolução do número de leitos, destaca-se a retração dos leitos ofertados no tipo denominado Apart-Hotel. Enquanto que os demais apresentaram crescimentos expressivos. Como é o caso dos hotéis e albergues e dos chamados hotéis classificados (em conformidade com a SMTU). Dos dados acima, é possível observar o seguinte se, por um lado, houve a redução do número de hotéis, e por outro aumentou a oferta de leitos, pode-se afirmar que os hotéis se tornaram maiores, ou seja, em grande parte a contração do crescimento do setor teve maior impacto para os hotéis pequenos.

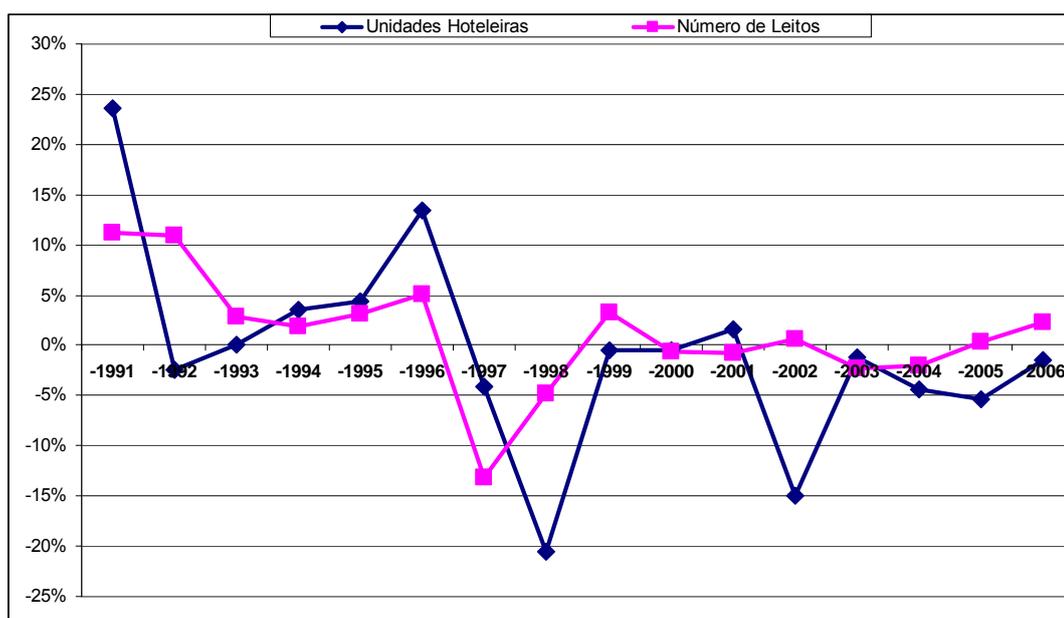
TABELA 14 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE LEITOS EM FOZ DO IGUAÇU

ANOS	HOTÉIS CLASSIFICADOS	HOTÉIS SEM CLASSIFICAÇÃO	MOTÉIS	POUSADAS	HOSPEDARIAS	APART-HOTÉIS (FLAT'S)	ALBERGUES	TOTAL
1990	12.2	6.6	41	16	4	10	1	19.5
1991	12.2	8.5	43	19	9	23	3	21.7
1992	12.4	10.1	51	27	9	66	3	24.1
1993	12.9	10.3	49	27	9	66	3	24.8
1994	12.2	11.5	44	26	12	70	-	25.3
1995	12.3	11.9	47	50	8	77	-	26.1
1996	12.3	13.2	47	49	7	77	8	27.4
1997	11.6	10.6	48	45	5	38	13	23.8
1998	10.9	10.8	34	49	3	-	-	22.6
1999	10.8	11.2	64	37	6	33	-	23.4
2000	10.6	11.0	67	35	10	33	13	23.2
2001	-	-	-	-	-	-	-	-
2002	19.0	-	71	39	-	16	13	20.4
2003	18.5	-	71	40	-	16	13	19.9
2004	18.2	-	65	31	-	16	16	19.5
2005	18.2	-	78	33	-	10	20	19.6
2006	18.6	-	78	35	-	8	19	20.0

FONTE: SMTU/PMFI - 2007

Cabe ressaltar que apesar da contração nas taxas de ocupação isso não afetou significativamente a oferta de leitos. A figura 3 revela que, em vários períodos (1992, 1998, 1999, 2002, 2004, 2005 e 2006), as taxas de crescimento do número de hotéis foram negativas, enquanto que a partir de 1999 o crescimento da oferta de leitos permaneceu estável.

FIGURA 3 - TAXAS DE CRESCIMENTO DO NÚMERO DE HOTÉIS E LEITOS EM FOZ DO IGUAÇU (%)



FONTE: SMTU/PMFI - 2007

O que se observa é que o número de leitos não só parou de cair, a partir de 2000, como teve um relativo crescimento nos dois últimos anos. Isto significa que os hotéis estão sendo ampliados. De fato, nos últimos dois anos houve uma tendência de recuperação. A tabela 15 revela a Classificação dos Hotéis de Foz do Iguaçu.

TABELA 15 - CLASSIFICAÇÃO DOS HOTÉIS DE FOZ DO IGUAÇU

DESCRIÇÃO	DIÁRIAS ATÉ R\$ 50,00	DIÁRIAS DE R\$ 51,00 A 100,00	DIÁRIAS A PARTIR DE R\$ 101,00	TOTAL/2006
Hotéis	55	21	31	107
Apartamentos	3.973	1.545	1.857	7.375
Suítes	157	36	12	205
Leitos	10.197	3.897	4.568	18.662
Permanência Média	3,4	3,4	3,4	3,4
Ocupação Média	38,4%	38,4%	38,4%	38,4%
Faturamento Médio Mensal R\$	12.099,76	18.287,53	23.080,37	17.078,35
Faturamento Médio Anual R\$	145.197,12	219.450,38	276.964,38	204.940,15

FONTE: SMTU/2007

Presume-se que os hotéis maiores oferecem serviços de melhor qualidade e dispõem de melhores condições para competir no setor. Enquanto para os pequenos, principalmente ligados ao turismo de compras, o endurecimento impresso pela Receita Federal na aduana Brasileira, acabou sendo um fator limitador da capacidade de permanência destes tipos de hotéis.

Conforme os dados da tabela 15, fornecidos pela SMTU/2007, o maior número de leitos é ofertado pelos pequenos meios de hospedagens, com diárias de até R\$ 50,00, cujos faturamentos não ultrapassam R\$ 12.100,00 por mês. Os dados contidos na tabela 15 não permitem uma análise mais profunda, pois são limitados a estimativas que repetem a taxa de ocupação e o tempo de permanência.

Mesmo depois de observado que o setor hoteleiro iguaçuense teve uma grande retração no período, ele ainda é um dos mais importantes do Paraná e do Brasil, pela sua diversidade, qualidade e quantidade. Ficou claro que houve um reposicionamento do setor, onde permaneceram os hotéis mais capacitados na gestão. O comportamento do setor reflete o novo perfil do turista, mais exigente e bem informado dos seus direitos de consumidor.

4.1.2 A Oferta de Atrativos Turísticos

Em Foz do Iguaçu, a oferta turística conta com diversos Atrativos Turísticos, os quais são conceitos complexos, pois a atratividade de certos elementos varia de forma acentuada de um turista para outro, desta forma, os atrativos estão relacionados com as motivações de viagens dos turistas e a avaliação que os mesmos fazem desses elementos. É usual que elementos que compõem o cotidiano das pessoas que residem em certa localidade não lhes chamem a atenção e se mostrem extremamente atrativos para os visitantes que não participam desse cotidiano.

O atrativo turístico possui via de regra maior valor quanto mais acentuado for o seu caráter diferencial. O turista procura sempre conhecer aquilo que é diferente de seu dia-a-dia. Assim, aquele atrativo que é único, sem outros semelhantes, possui maior valor para o turista. Este valor é subjetivo e alguns autores, visando reduzir essa subjetividade, desenvolveram algumas metodologias de hierarquizar tais atrativos.

O método de hierarquização da antiga Cicatur – Centro de Capacitação para o Turismo, da OEA – Organização dos Estados Americanos, divide os atrativos turísticos em quatro grupos:

- a) Atrativos excepcionais e de grande significado para o mercado turístico internacional, capaz por si só de motivar um importante fluxo de visitantes;
- b) Atrativos importantes que em conjunto com outros atrativos são capazes de atrair um fluxo de visitantes, internos e externos significativo;
- c) Atrativos capazes de motivar a procura de um fluxo interno de visitantes significativo, mesmo que em longa distância;
- d) Atrativos que forma parte do patrimônio turístico que complementam os demais atrativos turísticos.

Neste contexto, Foz do Iguaçu oferta 8 atrativos naturais, 3 atrativos de aventura, 10 atrativos histórico-culturais e 11 atrativos técnicos e científicos, totalizando assim, 32 atrativos diferentes. Porém o mais importante atrativo iguaçuense é mesmo o Parque Nacional do Iguaçu, que é único no mundo.

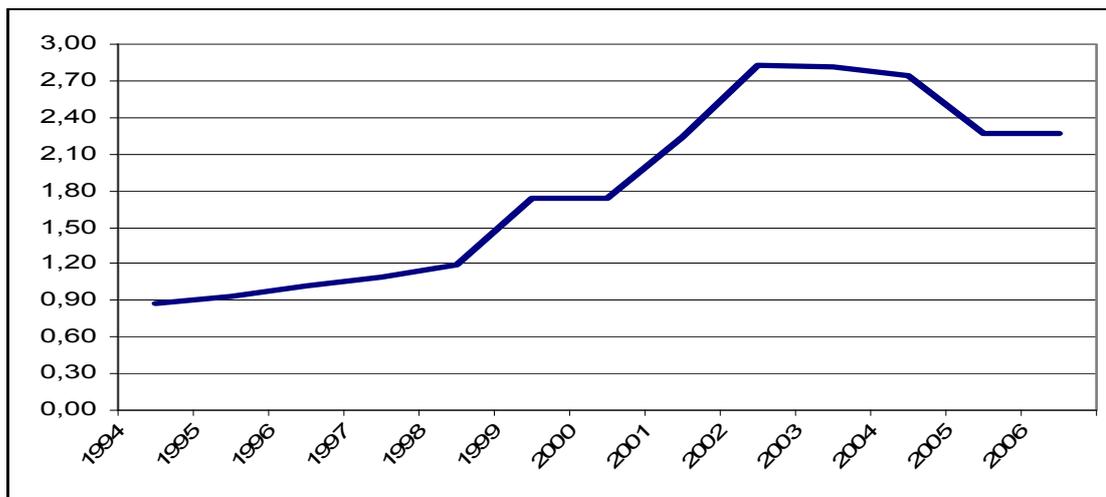
Segundo os dados da SMTU (2006), o município de Foz do Iguaçu oferece também, contando todos os tipos de estabelecimentos, 19.637 leitos disponíveis para os turistas. Possui uma capacidade para atender 30.173 visitantes nos meios gastronômicos da cidade. Conta com 143 agências de viagens, 8 casas de câmbio e dispõe de 22 centros de entretenimentos. Quanto ao comércio, existem cerca de 36 unidades especializadas. Os meios de transportes contam com 173 ônibus e 1.217 veículos de aluguel. A estrutura de eventos tem capacidade para 42.290 visitantes.

A seguir é apresentada a análise e descrição dos dados. Primeiramente, é apresentada a evolução da renda do turismo e o número de empregos gerados em cada período. Como o divisor temporal da análise é o comportamento da taxa de câmbio, inicialmente é apresentada a evolução da taxa de câmbio. Em seguida, a evolução da renda do turismo é estimada a partir dos gastos médios diários, em dólar, dos turistas e seu tempo de permanência.

4.2 A TAXA DE CÂMBIO E O SETOR TURÍSTICO

A figura a seguir revela que durante o período do Câmbio Fixo (na verdade, flutuando numa banda muito estreita), que vai do início do plano real até 1998, a taxa de câmbio teve uma leve flutuação, às vezes, permanecendo por meses, inalterada, alcançando no final de 1998 o patamar de R\$ 1,2 = 1 US\$. Entretanto no período seguinte (1999 a 2004), registra-se uma forte depreciação cambial, ou seja, a queda do real frente ao dólar americano, com efeitos favoráveis sobre a Balança Comercial. Este é o período de retomada do equilíbrio das contas externas.

FIGURA 4 - TAXA DE CÂMBIO - R\$/ US\$ - TURISMO - VENDA - MÉDIA ANUAL



FONTE: Ipea - 2006

Num terceiro momento (2005-2006), há novamente um período de apreciação cambial, ou seja, momento de valorização do real. A taxa de câmbio experimentou sensível queda alcançando em 2006 uma fase de estabilização cambial. Apesar de inicialmente trazer conseqüências negativas para alguns setores da economia, como o exportador, ainda assim o volume de exportações nunca esteve tão elevado.

4.3 EVOLUÇÃO DA RENDA E DO EMPREGO GERADO PELO TURISMO

Para fins deste estudo, a renda gerada pelo turismo é estimada a partir do número de turistas, dos gastos médios diários em dólar e do tempo médio de permanência. A análise se baseia em dados da SETU – Secretaria de Estado do Turismo (2005). O número de empregos foi estimado a partir do número de turistas, tendo como referência o ano de 2004.

O número de turistas sofre influências de vários aspectos de caráter econômico, social, político e ambiental. Do ponto de vista econômico, o turismo é influenciado pelo desempenho das economias em termos da geração de renda e empregos, bem como pelo desenvolvimento das tecnologias que amplia a produtividade do trabalhador.

TABELA 16 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS, GASTO MÉDIO DIÁRIO E PERMANÊNCIA NO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU

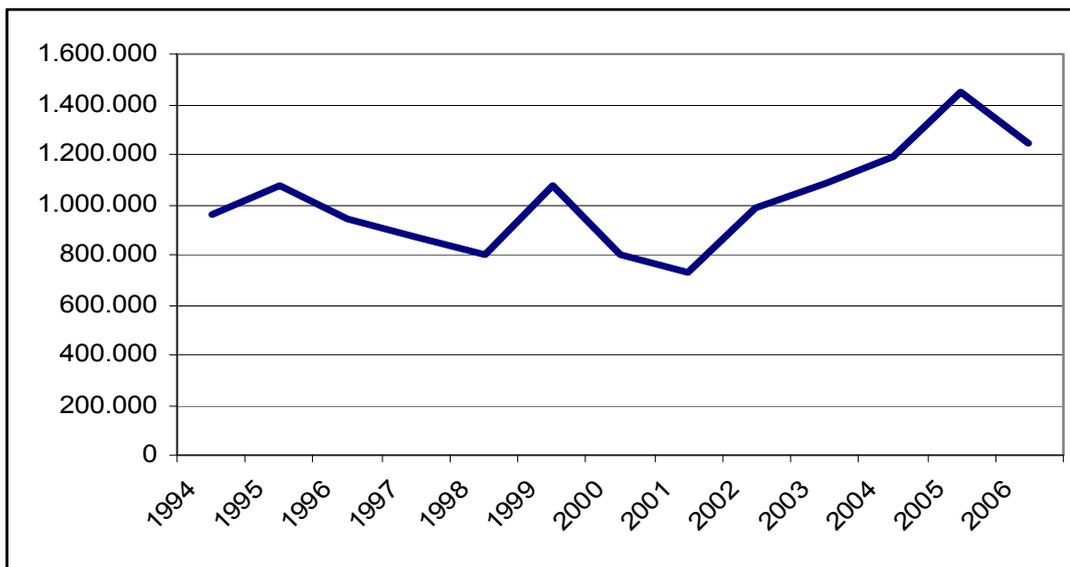
ANO	NÚMERO DE TURISTAS	GASTOS MÉDIOS DIÁRIOS US\$	PERMANÊNCIA EM DIAS
1994	963.771	75,47	3,80
1995	1.078.802	78,80	3,80
1996	940.765	74,80	3,80
1997	871.747	72,80	3,80
1998	802.728	70,80	4,00
1999	1.074.898	52,20	3,90
2000	800.102	57,10	3,90
2001	732.725	59,80	3,80
2002	986.090	56,37	3,40
2003	1.087.241	57,76	3,00
2004	1.188.392	57,98	3,30
2005	1.449.838	68,20	3,60
2006	1.241.824	61,31	3,30

FONTE: SETU - 2005 (em 1994, 1996, 1997 e 2006 os dados foram estimados usando média móvel 3)

Do ponto de vista social, a distribuição da renda é fator preponderante para o turismo. Politicamente, o turismo pode ser afetado por eventos tais como o de 11 de setembro nos Estados Unidos. Do ponto de vista ambiental, o turismo pode ser afetado por catástrofes como a do Tsunami na Ásia recentemente. Além disso, as crises econômicas internacionais e a instabilidade das moedas podem afetar significativamente o turismo.

A tabela acima demonstra que durante o período do Câmbio Fixo (1994-1998) havia uma oscilação marcada no número de turistas. Entretanto, os gastos diários médios por turistas eram mais elevados alcançando a cifra de US\$ 78,80. Além disso, o tempo de permanência era maior do que o atual em 3,8 dias em média. Este aspecto proporcionava uma maior produtividade do setor, ou seja, com o mesmo número de trabalhadores se alcançava uma renda maior, conforme é demonstrado posteriormente, nesta seção.

FIGURA 5 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS EM FOZ DO IGUAÇU 1994-2006



FORNE: SETU -2005

No período seguinte, o da depreciação cambial (1999-2004), coincidem as crises econômicas internacionais da Rússia e da Argentina, que acabam criando uma instabilidade mundial, afetando o número de turistas no município e reduzindo os seus volumes de gastos médios, que atinge em 1999 o seu patamar mais baixo, de US\$ 52,20, embora o tempo de permanência ainda seja estável. A partir de 2005, a moeda brasileira começa a dar sinais de recuperação e se valoriza de forma consistente em 2005 e 2006. Apesar disso, o setor turístico iguaçuense apresenta sinais de recuperação, pois o número de turistas cresce significativamente, além de uma sensível ampliação dos gastos diários dos turistas, que em 2005 alcança US\$ 68,2. Isso ocorreu a pesar de que houve uma pequena redução do tempo de permanência no município.

A tabela 17 demonstra que o número de turistas internos é aproximadamente 2 vezes maior do que o de turistas externos. Os maiores pólos emissores de turistas internos para Foz do Iguaçu são o próprio Paraná com cerca de 28,6%, seguido de São Paulo com 15,1%. O total de turistas brasileiros que procuram o município é de cerca de 70% do número total de turistas. Em muitos períodos, os volumes de gastos diários destes turistas é bem menor do que o do

turista externo. Porém, no período das crises econômicas internacionais o gasto de ambos se aproxima.

TABELA 17 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE TURISTAS INTERNOS E EXTERNOS

ANO	NÚMERO DE TURISTAS INTERNOS	GASTOS MÉDIOS DIÁRIOS US\$	NÚMERO DE TURISTAS EXTERNOS	GASTOS MÉDIOS DIÁRIOS US\$
1994	665.002	75,80	298.769	86,50
1995	744.373	75,80	334.429	86,50
1996	649.128	75,80	291.637	86,50
1997	601.505	75,80	270.242	86,50
1998	553.882	69,50	248.846	73,30
1999	698.684	45,30	376.214	76,20
2000	520.066	53,20	280.036	64,70
2001	476.271	56,60	256.454	65,70
2002	640.959	56,60	354.131	65,70
2003	706.707	62,00	380.534	105,30
2004	772.455	62,00	415.937	105,30
2005	1.072.880	66,00	376.958	74,90
2006	918.950	66,00	322.874	74,90

FONTE: Estimativa com base nos dados fornecidos pela SETU - 2005

Diante do exposto na tabela 17, foi possível observar que o número de turistas em Foz do Iguaçu vem crescendo significativamente nos últimos anos, tanto de turistas internos como externos. O gasto médio dos turistas internos vem diminuindo, enquanto dos turistas externos tende a se estabilizar, após uma importante elevação entre 2003-2004.

TABELA 18 - EVOLUÇÃO DA RENDA E DO EMPREGO GERADO PELO TURISMO NO PERÍODO

ANO	RENDA US\$	RENDA R\$	EMPREGO
1994	276.396.030,01	240.464.546,11	7.575
1995	323.036.470,88	300.423.917,92	8.479
1996	267.403.043,60	272.751.104,47	7.394
1997	241.160.090,08	262.864.498,19	6.851
1998	227.332.569,60	270.525.757,82	6.309
1999	218.827.734,84	378.571.981,27	8.448
2000	178.174.714,38	308.242.255,88	6.288
2001	166.504.429,00	372.969.920,96	5.759
2002	188.992.037,22	534.847.465,33	7.750
2003	188.397.120,48	531.279.879,75	8.545
2004	227.379.794,93	623.020.638,11	9.340
2005	355.964.225,76	808.038.792,48	11.395
2006	251.249.557,15	570.336.494,73	9.760

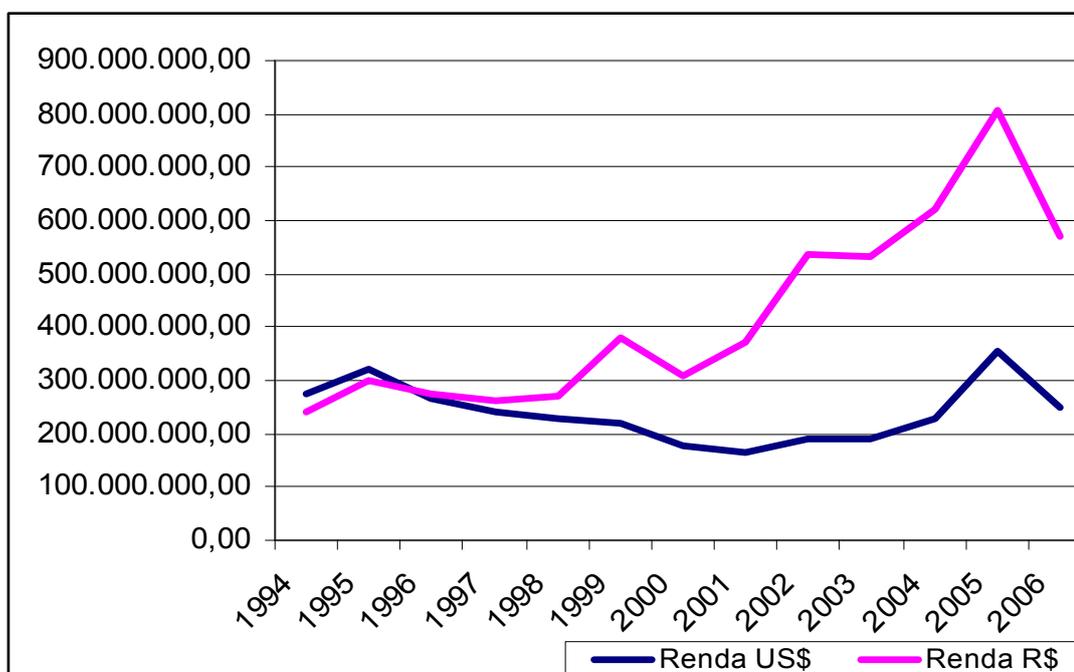
FONTE: SETU - 2005 (empregos estimativa com base no número de turistas ano de referência 2004)

A tabela 18 revela que o volume de renda gerada na atividade turística, no município de Foz do Iguaçu, é bastante significativo. Observa-se que, com base no critério de estimação, cerca de 30% é gerada através dos turistas externos (internacionais) e 70% pelos turistas internos (nacionais). O número de empregos gerados não é menos importante, apesar de apresentar grandes flutuações.

Observando a tabela acima foi possível analisar que os níveis de renda gerado em 2006 estão abaixo dos de 1994. Entre 2000 e 2003 a renda do turismo em dólar teve uma queda significativa, também foi o período que o turismo gerou o menor número de empregos. Mesmo assim, o turismo não deixou de ser uma atividade importante para a economia do município.

Cabe ressaltar que a conversão de moedas para o real foi feita com base na taxa de câmbio anteriormente apresentada. Verifica-se que durante o período do Câmbio Fixo, os valores em dólar e real são praticamente iguais, pois um real equivalia a aproximadamente um dólar.

FIGURA 6 - EVOLUÇÃO DA RENDA GERADA PELO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU

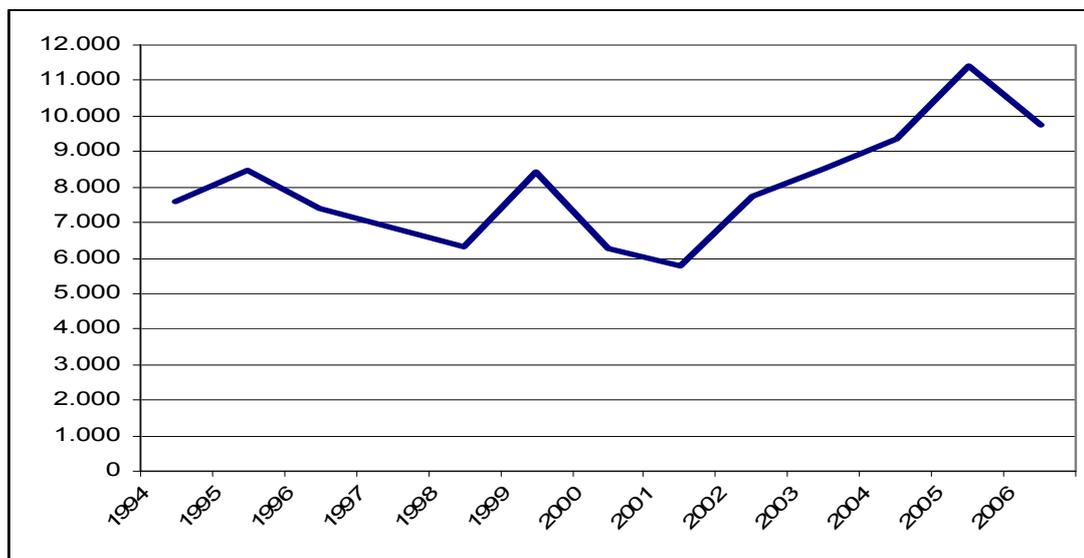


FONTE: estimativa a partir dos dados fornecidos pelo SETU -2005

A partir do período da depreciação cambial, iniciado em 1999, quando o real começa a ser desvalorizado, há um afastamento crescente entre as duas rendas (deve-se lembrar que o valor do dólar chegou a ser de R\$ 3,00). A partir de 2004, quando se reinicia a recuperação (valorização) do real, as duas rendas evoluem na mesma direção. Mas a renda em Reais alcança patamares muito superiores aos de 1995.

Durante o período de 1995 a 2005 houve uma trajetória de queda da renda em dólar, que perdurou até quase o final do período, havendo uma leve recuperação em 2005. A partir de 2000, registra-se uma significativa recuperação da economia mundial, apesar de que no Brasil o crescimento econômico não tenha sido compatível com o seu potencial. Essa melhora na renda mundial poderia ajudar a explicar a recuperação da renda em dólares no final do período analisado.

FIGURA 7 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGOS GERADOS PELO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU



FONTE: Estimativa com base nos dados fornecidos pela SETU - 2005

Como se pode observar, na figura 7 demonstra-se que a evolução do número de empregos acompanha a do número de turistas. A tabela a seguir demonstra uma estimativa, a partir dos dados básicos fornecidos pela SETU em 2005, sobre a renda gerada por cada trabalhador, e por turista, além de apresentar o número de turistas por trabalhador.

Os dados revelam que cada trabalhador gera, em média, R\$ 51.626,72, por ano no setor do turismo de Foz do Iguaçu, o que significa 4,1 vezes mais do que a média geral da economia local, considerando um PIB per capita em 2003 de R\$ 12.616,00, segundo o IBGE. Esse dado indica que a qualificação dos profissionais da área é alta e que são capazes de gerar o alto valor adicionado. Isso claramente confirma o potencial do setor turístico na geração de renda e de empregos de qualidade.

TABELA 19 - PRODUTIVIDADE MÉDIA DOS TRABALHADORES DO TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU

ANO	POR TRABALHADOR		POR TURISTA		NÚMERO DE TURISTAS POR TRABALHADOR
	Renda US\$	Renda R\$	Renda US\$	Renda R\$	
1994	36.487,92	31.744,49	286,79	249,50	103
1995	38.098,42	35.431,53	299,44	278,48	116
1996	36.164,87	36.888,17	284,24	289,92	101
1997	35.200,71	38.368,78	276,64	301,54	93
1998	36.033,06	42.879,34	283,20	337,01	86
1999	25.902,90	44.812,02	203,58	352,19	115
2000	28.335,67	49.020,71	222,69	385,25	86
2001	28.912,04	64.762,97	227,24	509,02	78
2002	24.386,07	69.012,58	191,66	542,39	106
2003	22.047,64	62.174,36	173,28	488,65	116
2004	24.344,73	66.704,57	191,33	524,26	127
2005	31.238,63	70.911,70	245,52	557,33	155
2006	25.742,78	58.436,12	202,32	459,27	133

FONTE: Estimativa feita com base nos dados da SETU - 2005

De acordo com os dados acima, a produtividade da atividade turística é muito elevada, pois o número de turistas por trabalhador é significativo. Porém, em alguns momentos essa produtividade aumenta, em outros diminui, como no caso dos anos de 1997-1998 e 2000-2001, pois houve uma queda no número de turistas ao mesmo tempo em que o setor optou por manter o seu quadro de funcionários qualificados, devido ao grande custo auferido pelas empresas para qualificar seus funcionários. Além disso, por entender que no futuro o quadro se reverteria, conforme ocorreu. Apesar disso, a renda gerada por trabalhador continuou aumentando pois os turistas gastavam mais, o que permitiu as empresas manterem seus quadros de funcionários, sem abrirem mão de suas margens de lucro.

Com a finalidade de analisar a contribuição do turismo para a economia iguaçuense, a seguir apresentam-se dados relativos à importância da renda do turismo no PIB municipal, com base nos dados fornecidos pelo IBGE. Ressalta-se que, pela limitação dos dados disponíveis, só foi possível analisar dois anos recentes, a saber, 2002 e 2003. No entanto, tendo em vista as trajetórias anteriormente apresentadas da renda, observa-se que a tabela 20 oferece uma boa visão do significado do turismo para o município estudado.

TABELA 20 - CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU

VALOR ADICIONADO E RENDA	2002		2003	
	Valor em R\$	Importância Relativa ao PIB	Valor em R\$	Importância Relativa ao PIB
PIB de Foz do Iguaçu	3.748.625.000	100,0%	3.527.683.903	100,0%
Valor Adicionado na Agropecuária	18.371.000	0,5%	25.697.779	0,7%
Valor Adicionado na Indústria	2.732.825.000	72,9%	2.680.017.235	76,0%
Valor Adicionado nos Serviços	770.435.000	20,6%	821.968.891	23,3%
Dummy	39.773.000	1,1%	37.428.810	1,1%
Impostos	266.768.000	7,1%	289.095.668	8,2%
Renda Gerada pelo Turismo	534.847.465	14,3%	531.279.880	15,1%
Turismo Nacional	347.651.124	9,3%	345.332.093	9,8%
Turismo Internacional	187.196.342	5,0%	185.947.787	5,3%
Número de Habitantes	272.939		279.620	
PIB por Habitante	13.734,30	0,0%	12.615,99	0,0%
Imposto por Habitante	977,39	0,0%	1.033,89	0,0%
Renda do Turismo por Habitante	1.959,59	0,0%	1.900,01	0,0%

FONTE: IBGE/SETU/SMTU

Considerando os dados acima estimados pela autora a partir dos dados oficiais fornecidos pelo IBGE, SETU, SMTU para o período de 2003, é possível verificar que 15,1% da economia municipal é representada pelo turismo. Essa atividade também gera quase um terço dos empregos formais existentes no município.

Outro aspecto importante é que apesar do PIB municipal ter caído no período, a renda do turismo manteve sua participação relativa crescente. O turismo, portanto, parece desempenhar um papel anticíclico, já que se sustenta ainda num contexto regional menos favorável.

O grande número de turistas externos aponta para uma verdadeira exportação invisível, ao mesmo tempo em que os principais atrativos naturais são preservados, sendo essa uma grande vantagem comparativa para a economia local. A economia do município tem grande parte do seu valor adicionado pela Itaipu Binacional, que representa o carro-chefe da indústria local. Sua atividade agrícola é insignificante e grande parte dos serviços é voltada para o turismo.

TABELA 21 - CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS

DESCRIÇÃO	2000	2006	%
População Total	258.543	309.113	100,0
População Economicamente Ativa	128.150	153.216	49,6
População Ocupada	106.619	127.473	41,2
População Ocupada Formalmente	41.213	49.274	15,9
População Ocupada no Turismo ⁽¹⁾	6.288	9.760	19,8

FONTE: IBGE – Censo Demográfico – Resultados da amostra

(1) Estimativa segundo dados da SETU 2005, comparada com a população ocupada formalmente.

A tabela 21 apresenta a participação relativa das diferentes categorias de população em relação à população total em 2006, estimada pelo IBGE. Também é apresentada a participação relativa da população ocupada no turismo do município, comparada com o total de empregos formais registrados. O Turismo local contribui com 19,8% da geração de empregos formais. É importante ressaltar que a grande maioria dos trabalhadores do turismo, se não todos, atua formalmente no município.

A tabela abaixo revela a configuração ou distribuição dos trabalhadores do turismo segundo as atividades econômicas. Pode-se comprovar que o maior número de pessoas ocupadas no turismo se encontra na hotelaria e em seguida na gastronomia.

Ressalta-se que o turismo envolve uma série de atividades diretas e indiretas, que não constam da tabela que se segue. Apesar disso, os dados apontam para a importância desta atividade no contexto da economia local. Os dados a seguir demonstram o número de trabalhadores diretamente envolvidos com atividade turística municipal.

TABELA 22 - CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PARA A GERAÇÃO DE EMPREGOS POR ATIVIDADES

ATIVIDADES	EMPREGOS	%
Hotéis	3.130	33,51
Pousadas	19	0,20
Motéis	169	1,81
Albergues	35	0,37
Agências de Viagens	656	7,02
Gastronomia	2.896	31,01
Empresas de Eventos	316	3,38
Companhias Aéreas	80	0,86
Atrativos Turísticos	461	4,94
Entretenimentos	295	3,16
Paraná Turismo	8	0,09
Itaipu Binacional	76	0,81
Taxistas (Per./Colab.)	672	7,19
Guias de Turismo	46	0,49
Secretaria do Turismo	481	5,15
TOTAL	9.340	100,00

FONTE: SMTU/2004

Assim, o turismo contribui significativamente para a economia do município, na geração de emprego, renda e impostos. Com efeito, ele tem grande participação na geração de renda do município (15,1%,) e na geração de emprego formal (19,8%). Além disso, o turismo de Foz é de grande importância para o desempenho das diversas atividades econômicas, pois em sua grande parte trata-se de turismo de negócios (15,7% em 2005). Finalmente, o turismo é componente de demanda de diversas outras atividades, principalmente do setor de serviços e transportes.

4.4 OS EFEITOS DA TAXA DE CÂMBIO SOBRE O TURISMO LOCAL

Neste ponto é feita uma avaliação dos efeitos da taxa de câmbio sobre a geração da renda no segmento do turismo local no período. Uma análise de correlação contribui para visualizar melhor o grau de associação entre as duas variáveis.

A tabela 23 revela que a taxa de câmbio influencia positivamente a renda do turismo, mesmo aquela gerada a partir dos turistas internos (nacionais), pois a correlação é alta e significativa (71%) entre as duas variáveis. Assim, quando aumenta a taxa de câmbio, aumenta a renda gerada pelo turismo interno. Este

fenômeno poderia ser explicado pelo fato de que alguns dos preços dos serviços ofertados aos turistas são fixados em moedas estrangeira (dólar americano), razão pela qual os termos de intercâmbio do setor melhoram. Ao mesmo tempo, na medida em que a desvalorização do real favorece as exportações e o nível de emprego, isso também favorece a demanda de turismo via renda. Finalmente, a desvalorização implica que fica mais caro viajar para o exterior, o que estimula o turismo interno.

Analisando a renda do turismo como um todo, verifica-se que a correlação da mesma com a taxa de câmbio é de 79%. Porém, a relação mais significativa, como já era de se esperar, é entre a taxa de câmbio e o turismo externo (internacional), pois na análise se observou uma correlação com renda da entrada de turistas estrangeiros de 92%. Fica assim claro o forte impacto da taxa de câmbio sobre a atração de turistas do exterior.

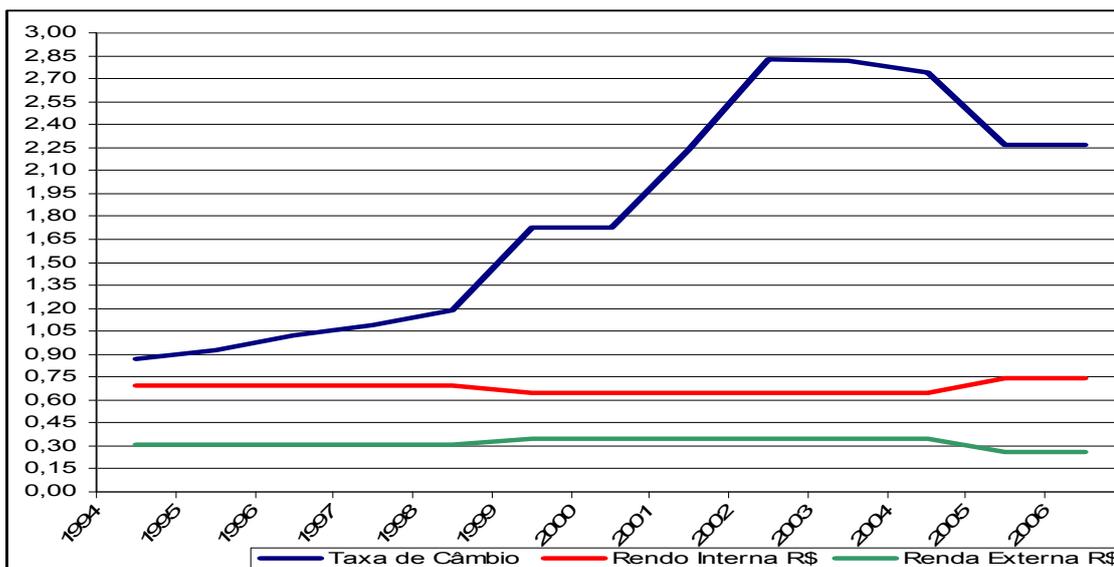
TABELA 23 - A RELAÇÃO ENTRE TAXA DE CÂMBIO E RENDA DO TURISMO

ANO	TAXA DE CÂMBIO	RENDA TOTAL R\$	RENDA INTERNA R\$	RENDA EXTERNA R\$
1994	0,87	240.464.546	165.920.539,24	74.544.006,76
1995	0,93	300.423.918	207.292.397,60	93.131.520,40
1996	1,02	272.751.104	188.198.305,25	84.552.798,75
1997	1,09	262.864.498	181.376.373,96	81.488.124,04
1998	1,19	270.525.758	186.662.665,18	83.863.092,82
1999	1,73	378.571.981	246.071.893,31	132.500.087,69
2000	1,73	308.242.256	200.357.350,82	107.884.905,18
2001	2,24	372.969.921	242.430.321,40	130.539.599,60
2002	2,83	534.847.465	347.651.123,45	187.196.341,55
2003	2,82	531.279.880	345.332.093,03	185.947.786,97
2004	2,74	623.020.638	404.963.519,55	218.057.118,45
2005	2,27	808.038.792	597.948.639,20	210.090.152,80
2006	2,27	570.336.495	422.049.116,53	148.287.378,47
Correlação		79%	71%	92%

FONTE: Estimativa a partir dos dados da SETU 2005

A taxa de câmbio é um elemento importante na análise da renda gerada pelo turismo, pois o turismo é em sua grande parte internacional. O propósito de se adotar o dólar americano como referência é pelo fato de que se trata da moeda mais comumente utilizada pelos turistas que freqüentam o município.

FIGURA 8 - EFEITOS DA TAXA DE CÂMBIO SOBRE A RENDA DO TURISMO



A figura 8 apresenta a taxa de câmbio, a proporção da renda interna do turismo na renda total e a proporção da renda externa na renda total. Essa análise revela um fato importante; na medida em que a taxa de câmbio aumenta, a participação da renda do turismo proveniente de turistas internos diminui, enquanto que a proporção da renda proveniente dos turistas externos aumenta. Isso sugere que a resposta dos turistas estrangeiros ao incentivo do câmbio supera a resposta dos nacionais. Se bem que esses últimos provavelmente vão preferir viajar dentro do país a viajar ao exterior, ao mesmo tempo têm uma perda de renda que desestimula o turismo.

Na tabela 24 se observa que a correlação entre o número de empregos e a taxa de câmbio não é muito elevada, embora seja positiva. A explicação é que os profissionais do turismo são altamente qualificados e essas qualificações têm valor para a empresa, a qual prefere mantê-los nos seus quadros na baixa do ciclo.

TABELA 24 - A RELAÇÃO ENTRE TAXA DE CÂMBIO, EMPREGO E GASTOS MÉDIOS DIÁRIOS

ANO	TAXA DE CÂMBIO	EMPREGO	GASTOS MÉDIOS DIÁRIOS US\$
1994	0,87	7.575	75,47
1995	0,93	8.479	78,80
1996	1,02	7.394	74,80
1997	1,09	6.851	72,80
1998	1,19	6.309	70,80
1999	1,73	8.448	52,20
2000	1,73	6.288	57,10
2001	2,24	5.759	59,80
2002	2,83	7.750	56,37
2003	2,82	8.545	57,76
2004	2,74	9.340	57,98
2005	2,27	11.395	68,20
2006	2,27	9.760	61,31
Correlação		38,0%	-78,3%

A correlação entre taxa de câmbio e gastos diários médios dos turistas é relativamente elevada. O coeficiente é negativo (-78,3%), ou seja, quando a taxa de câmbio se eleva, a tendência é que os turistas gastem menos, pois com menos dólares é possível adquirir aqui no Brasil mais bens e serviços do que antes do aumento da taxa de câmbio, sendo o contrário verdadeiro. Porém, é possível observar que esse efeito negativo da taxa de câmbio sobre os gastos médios diários dos turistas é mais do que compensado pelo maior número de turistas. O resultado final é um saldo muito positivo.

A análise dos dados revelou que a correlação entre taxa de câmbio e número de empregos é 38,0%. Isso porque a mão-de-obra empregada pelo turismo é bastante qualificada e produtiva, além das empresas do setor trabalharem com um quadro bem reduzido de funcionários, haja vista o número de turistas por trabalhador. Apesar da pouca correlação entre flutuações da taxa de câmbio e variações do nível de empregos, ela é significativa uma vez que as empresas do setor hoteleiro procuram manter os seus quadros de funcionários, mesmo quando ocorre uma contração na demanda turística, pois os custos para qualificação da mão-de-obra costuma ser elevado.

5 O IMPACTO DO PLANEJAMENTO E GASTOS PÚBLICOS SOBRE O TURISMO

Esta seção apresenta uma relação entre o planejamento, gastos públicos e a atividade turística local, com a finalidade verificar até que ponto as ações do poder público estão influenciando a economia do turismo.

5.1 O TURISMO NO PLANEJAMENTO MUNICIPAL

Neste tópico será feita uma análise acerca da política municipal voltada para o turismo, apresentando os aspectos do plano de ação para o desenvolvimento do turismo desenvolvido pela Secretaria Municipal do Turismo – SMTU, para o exercício de 2007 e demais exercícios. O que se pretendeu foi verificar a importância dada ao turismo devido a sua contribuição para a economia local. Em particular, procurou-se demonstrar que a política municipal trata do turismo, muito mais com fim em si mesmo do que como fator de desenvolvimento para o município.

QUADRO 5 - DIMENSÕES DA POLÍTICA MUNICIPAL PARA O TURISMO

FOCO	POLÍTICA
Econômico	Ser esta a atividade econômica mais evidente do Município, grande geradora de emprego e renda e setor âncora para alavancagem de novos investimentos para o Município;
Interdisciplinariedade	O conceito interdisciplinar da atividade turística que envolve e movimenta inúmeros envolvendo segmentos diretos e indiretos da economia.
Ambiental	A vocação natural (riquezas naturais e ambientais), social e cultural da cidade para a atividade;
Planejamento	O anseio da sociedade empresarial, acadêmica, profissional e institucional para que o segmento tenha uma atuação planejada;
Infra-Estrutura	A infra-estrutura técnico-econômica de oferta já instalada de serviços e equipamentos turísticos;
Ordenamento	Que a sua formulação está prevista na Lei Orgânica do Município; A necessidade de ordenamento voltado ao crescimento e a condição globalizada do setor turístico;
Preservação	Os objetivos mencionados na Lei Orgânica: o desenvolvimento sustentável do município, o bem estar do visitante e da população residente, a preservação e conservação do patrimônio natural e cultural, tangível e intangível;
Direção	A essencial e urgente prerrogativa de estabelecer as diretrizes para o desenvolvimento com maturidade e solidez da cidade como destino turístico através do trabalho profissional com projetos e não ações isoladas, comprometimento com os resultados, planejamento com foco, continuidade nas ações iniciadas, interação e articulação entre o poder público e privado.

FONTE: SMTU/2007

Inicialmente abordam-se as linhas da política municipal voltada para o turismo conforme descritas no quadro a seguir, com o propósito de verificar quais os rumos estão sendo dados para a economia do turismo local.

O quadro anterior revela um diagnóstico ainda pouco preciso da situação da atividade turística na região por parte das autoridades governamentais. A leitura apresentada no quadro é pouco precisa frente à realidade do município, fato esse que é demonstrado no próximo tópico com maior nível de detalhamento. Além do denominado “inventário da oferta turística de foz do Iguaçu”, não foi feito nenhum estudo sistemático para identificar as reais necessidades de intervenção por parte do poder público. Assim, o potencial turístico decorrente das inúmeras vantagens comparativas naturais existentes (ex. Cataratas do Iguaçu) é subaproveitado, resultando para o município num custo de oportunidade que se traduz em menos empregos, menos impostos e menor rendimento, o que gera menor desenvolvimento.

O quadro que se segue revela que as diretrizes da política municipal estão condizentes com a leitura da realidade da atividade turística apresentada anteriormente, dando grande ênfase aos organismos envolvidos na gestão e no planejamento do desenvolvimento do turismo, ou seja, na governança e nas parcerias. Da mesma forma que o diagnóstico a política municipal para o turismo focaliza de forma pouco precisa o verdadeiro rumo que está sendo dada a atividade turística, além disso, parece não dá a devida importância ao turismo como elemento propulsor do desenvolvimento regional.

Observa-se ainda que, nas diretrizes da política municipal, os atores e a estrutura institucional têm um grande destaque. Entretanto, quando focaliza a governança, deixa transparecer que o objetivo é impulsionar a atividade turística, com a finalidade de gerar emprego e renda e promover o desenvolvimento local. Sendo assim, resta claro que as autoridades locais reconhecem que o turismo é de fundamental importância para a economia e o desenvolvimento regional. Dentro do contexto das deliberações, o incentivo à parceria público-privada na realização de investimentos é tida como uma solução para modernização do setor.

Mereceu destaque também o turismo de eventos, pois o município conta com uma grande infra-estrutura para tal, baseada no Centro de Convenções recentemente ampliado e com grande capacidade de realização de eventos.

QUADRO 6 - DIRETRIZES DA POLÍTICA MUNICIPAL PARA O TURISMO

FOCO	DIRETRIZ DA POLÍTICA MUNICIPAL
Parceria	O desenvolvimento turístico passa pela parceria e mobilização. O turismo é e deve ser encarado como obra coletiva, sistêmica e de grande sinergia, funcionando como mola propulsora para o desenvolvimento econômico, social e cultural.
Regional	A atividade turística está inserida num macro contexto político, institucional e territorial em que diversos fatores oriundos de diferentes visões para a gestão técnica e política do turismo exercem influências e que precisam ser bem avaliados e articulados e devem, sem sombra de dúvida, ampliar o debate sobre políticas de turismo para além das fronteiras da municipalidade.
Governança	Os papéis a serem desempenhados pela Governança Municipal na área do turismo têm uma vasta gama de vertentes a serem trabalhadas, tais como a política de turismo direcionando o desenvolvimento, as prioridades e estratégias, a legislação e regulamentação do turismo, a capacitação, a infra-estrutura, a estruturação e diversificação da oferta turística, a promoção turística, informações estatísticas, conservação de recursos, o bem estar da comunidade, a articulação e mobilização dos atores.
Promoção	Desta forma a SMTU deverá cumprir o seu papel de agente agregador, articulador e impulsor do setor turístico de Foz do Iguaçu, favorecendo o crescimento econômico, gerando emprego e renda, contribuindo para o desenvolvimento econômico e o bem estar da população local.
Atores	A interação e participação dos diversos segmentos econômicos e sociais e dos atores envolvidos no processo é de fundamental importância para a construção e o desenvolvimento de uma mentalidade, conscientização, adoção e gestão de uma Política de Turismo que traga reflexo mais rápido para o Município.
Deliberação	Dentro deste contexto é importante que o Conselho Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu (COMTUR), como órgão consultivo, normativo e deliberativo, atuando em conjunto com as entidades que o integram, funcione como um elo de ligação entre os poderes públicos e o setor privado, na formulação e implementação da Política municipal de Turismo, buscando o desenvolvimento em bases sustentáveis, de forma a garantir o bemestar de seus habitantes, dos turistas e do patrimônio natural e cultural da região. Incentivar os investimentos municipais, estaduais, nacionais e internacionais na região do pólo de Foz do Iguaçu, estimulando a Parceria Público-Privada (PPP).
Destino	Com a Fundação Iguassu de Turismo e Eventos (ICVB), funcionar em perfeita parceria com a Secretaria Municipal de Turismo, nas ações de marketing, comercialização e promoção do destino turístico, priorizando a captação e geração de eventos e congressos de alcance regional, nacional e internacional, a atração e aumento do fluxo de turistas e o desenvolvimento do turismo no estado do Paraná e especialmente na cidade de Foz do Iguaçu.
Eventos	Deve-se atribuir ao Centro de Convenções a função de equipamento regulador da sazonalidade do fluxo turístico, atuando de forma macroestratégica na realização de eventos de grande porte, abastecendo a infra-estrutura técnico-turística e serviços de oferta instalada. Eventos locais devem ser pautados somente com antecedência de sessenta dias. É necessário que se explicita com clareza a sua função de equipamento e não gestor do sistema do Turismo de Eventos, atribuição que deve ser do ICVB em perfeita integração com a SMTU.
Cultura	Quanto à Fundação Cultural, propomos definir para a mesma a atuação no sentido de apoio local aos eventos que estejam para serem realizados em Foz do Iguaçu, funcionando no apoio logístico e promocional interno. A SMTU ficará com a missão de promover e propagar o evento nos destinos ou segmentos emissores de turistas.

FONTE: SMTU/2007

Foz do Iguaçu, que se pretende uma cidade turística não consegue resolver os seus problemas estruturais básicos – exclusão social elevada, vulnerabilidade da população, violência e altos níveis de desemprego. Em análise ao contido nos quadros acima fica evidente que o Turismo não é tratado pelo município como uma política pública, pois, apesar da sua reconhecida importância, não é tido como um motor de desenvolvimento.

QUADRO 7 - AÇÕES DA POLÍTICA MUNICIPAL PARA O TURISMO

FOCO	AÇÃO OPERACIONAL
Divulgação	Participação em 14 (quatorze) eventos internacionais, visando a divulgação e promoção do Destino Foz do Iguaçu nos principais mercados;
Promoção	Promoção e divulgação do Destino Iguassu em 20 (vinte) eventos nacionais;
Projeto	Desenvolvimento de um projeto regional visando incrementar o turismo rodoviário em cidades que tenham mais de 300 mil habitantes e que estejam num raio de 900 km, através da realização de 24 (vinte e quatro) workshops e seminários de vendas, sendo 12 nacionais e 12 internacionais, englobando os países do Mercosul (Argentina, Paraguai, Chile e Uruguai);
Divulgação	05 (cinco) ações de divulgação institucional em shopping centers, direcionadas ao público final, abrangendo em um primeiro momento o estado do Paraná (Cascavel, Londrina, Maringá e Curitiba) e também a cidade de Assunção – PY;
Promoção	Criação de novo material promocional necessário à divulgação do destino turístico nos principais eventos e mercados nacionais, internacionais e regionais;

FONTE: SMTU/2007

O quadro 7 confirma o descrito anteriormente sobre o fato do turismo não ser tratado como uma política pública no município, pois o conjunto de ações propostas se resume na divulgação e na promoção do turismo. O Município necessitaria promover mudanças estruturais uma vez que o turismo demanda uma série de bens e serviços dos diversos setores da economia. Para fomentar o turismo o município precisa se desenvolver e, para tal, atrair um grande volume de investimentos em outras áreas, visando a uma maior segurança para o turista, melhores condições dos equipamentos turísticos, melhores condições de transportes, entre outras.

O próximo tópico apresenta uma análise do impacto dos gastos públicos sobre a atividade turística. O que se pretendeu foi verificar até que ponto a política municipal é eficaz na promoção da atividade turística. Além disso, se o volume de

gastos efetuados pelo poder público municipal tem alguma relação com o crescimento da atividade turística, ou ainda, se os investimentos foram canalizados devidamente para a promoção do turismo.

5.2 OS EFEITOS DOS GASTOS PÚBLICOS SOBRE O TURISMO LOCAL

A inserção do turismo no planejamento municipal, não significa necessariamente o planejamento do turismo, o fato do poder público inserir um conjunto de ações no PPA – Plano Plurianual, específicas para a atividade turística não cria a obrigatoriedade de executar. No caso do município de Foz do Iguaçu, o volume de investimentos estimados para o setor do turismo historicamente não é concretizado pelo poder público.

A tabela a seguir revela que nos anos de eleição (2008) o volume de investimentos tendem a ser ampliados. Considerando o exercício de 2006, exceto pelos investimentos realizados na revitalização da Avenida Brasil, os gastos municipais se resumiram em despesas de custeio.

O conjunto de investimentos previstos no PPA para o período de 2006 a 2009, não privilegiam as mudanças estruturais necessárias para o desenvolvimento do turismo local. Todas as ações foram definidas e incluídas no PPA sem manter uma relação estreita com um diagnóstico profundo e capaz de apontar as reais necessidades de investimentos para a promoção do desenvolvimento do turismo local e regional. São ações importantes que absorveriam um volume considerável de recursos, sem vinculação com objetivos e direcionamentos claros, nem tam pouco a sua definição partiu de uma política pública municipal previamente estabelecida. Além disso, não define os indicadores e instrumentos que permitam uma avaliação objetiva dos resultados que seriam alcançados, ou seja, os investimentos foram definidos visando alcançar qualquer objetivo.

TABELA 25 - O TURISMO NO PLANO PLURIANUAL MUNICIPAL

DESCRIÇÃO	2006	2007	2008	2009
Desenvolvimento do Turismo				
Centro Receptivo de Foz do Iguaçu			2.000.000,00	
Memorial Cabeza de Vaca			3.568.000,00	3.568.000,00
Integração do Fórum do Mercosul e Marco das Três Fronteiras				2.200.000,00
Revitalização da Avenida das Cataratas			2.000.000,00	
Dotar o Município com Equipamento de atendimento ao turista				2.860.400,00
Fórum das Américas				1.870.000,00
Corredores Turísticos				
Ampliação para concluir projeto da sinalização turística		400.000,00		
Implantação do Portal de Entrada da Cidade	600.000,00			
Implantação do Sistema de Transporte Coletivo a Turista	45.000,00			
Empreendimentos e Projetos Turísticos				
Realização de Melhorias no Centro de Convenções		2.425.000,00		
Implantação de Centro de Entretenimento e Cultura		1.430.000,00		
Implantação do Sítio Histórico Municipal		86.000,00		
Implantação do Roteiro Turístico Central		330.000,00		
Ampliação e Reforma do Terminal Rodoviário			500.000,00	
Destino Iguaçu				
Promoção do Destino Iguaçu	50.000,00	125.000,00	50.000,00	50.000,00
Fortalecimento Institucional				
Implantação de postos de informações turísticas		260.000,00	100.000,00	
Implantação de postos móveis de atendimento ao turista		34.000,00		
Fortalecimento do centro de apoio a segurança ao turista		630.000,00		
Suporte ao sistema de atendimento		70.000,00		
Qualidade no Turismo				
Implantação do programa de educação turística	120.000,00	240.000,00	240.000,00	120.000,00
Implantação do programa de qualificação	1.673.000,00	250.000,00	250.000,00	250.000,00
Implantar escola para qualificação de mão-de-obra			1.300.000,00	
TOTAL	2.488.000,00	6.280.000,00	10.008.000,00	10.918.400,00

FONTE: SMTU/2007

No PPA, elegeu-se como prioridade uma série de investimentos visando o desenvolvimento do turismo, os corredores turísticos, empreendimentos e projetos turísticos, o destino turístico, o fortalecimento institucional e a qualidade no turismo. Pelo que consta da política municipal, pode-se afirmar que esta lista de prioridades surgiu de forma arbitrária, visto que não se tem conhecimento de um estudo profundo sobre a atividade turística local. Nem se quer foi feita uma pesquisa junto aos usuários para saber como adequar a oferta turística. Isto se verifica na análise apresentada nos quadros da política municipal anteriormente descrito.

A tabela 26 demonstra os gastos históricos municipais no setor do turismo. Excluindo-se de os gastos efetuados pelo Governo do Estado através do município, os investimentos propriamente municipais são insignificantes, ficando o

maior volume de gastos em despesas correntes. Em 2003, o município realizou investimentos cerca de 1,2 milhões de reais nas conclusões das obras do centro de convenções. Em 2004, iniciam-se as obras de revitalização da Avenida Brasil, atingindo seu maior volume em 2005, sendo concluída em 2006.

TABELA 26 - O TURISMO NO ORÇAMENTO MUNICIPAL

DESCRIÇÃO	2003	2004	2005	2006	2007
Manutenção do Gabinete do Secretário	309.344,51	186.898,67	106.350,92	129.820,72	300.000,00
Manutenção do Departamento de Desenvolvimento do Turismo	482.677,38	652.419,38	516.391,22	598.902,88	552.126,00
Manutenção da Informatização dos Postos de Informações	8.329,00	-	-	-	-
Obras do Centro de Convenções	1.243.513,93	-	-	-	-
Manutenção do Departamento de Marketing e Eventos	704.628,24	554.609,81	353.682,13	184.750,41	400.000,00
Participação em Eventos Nacionais e Internacionais	795.945,68	-	-	-	-
Campanhas Publicitárias	536.530,00	577.637,00	423.758,83	525.749,38	300.000,00
Revitalização da Avenida Brasil⁽¹⁾	-	157.170,74	4.628.634,48	2.136.815,49	-
Planejamento Sustentável do Turismo	-	18.908,35	10.016,44	-	-
Educação Turística	-	4.120,00	5.150,00	3.825,87	5.000,00
Fortalecimento do Destino Turístico	-	376.384,80	345.928,35	1.211.015,49	400.000,00
Implantação de Quiosques Informativos	-	-	91.444,28	-	-
Congresso Internacional de Odontologia	-	-	-	30.000,00	-
Programa de Capacitação para o Turismo	-	-	-	69.980,00	200.000,00
TOTAL	4.080.968,74	2.528.148,75	6.481.356,65	4.890.860,24	2.157.126,00

FONTES: SMTU/2007

(1) Obra do Governo do Estado.

Observa-se que o grande volume de gastos públicos é justamente com custeio de uma máquina montada para promover o desenvolvimento do turismo. Destes gastos, destacam-se os gastos com publicidade e promoção do turismo. O foco das despesas parece ter sido a própria organização e não o turismo.

A tabela 27 apresenta uma análise detalhada da correlação entre os diferentes resultados alcançados pela atividade turística ao longo do período estudado e os gastos públicos municipais. Visando corroborar o cálculo das correlações, a tabela apresenta, também, uma análise comparativa das taxas de crescimento dos gastos e resultados da atividade turística.

TABELA 27 - OS EFEITOS DOS GASTOS PÚBLICOS MUNICIPAIS SOBRE O TURISMO LOCAL

RESULTADOS	CORRELAÇÃO (%)	INFLUÊNCIA	TAXA MÉDIA DE CRESCIMENTO (%)		COMPARATIVO RESULTADOS x GASTOS (%)
			Resultados	Gastos	
Número de Turistas – Total X Gasto Total do Município	72,5	Pequena	7,1	9,4	-24,6
Número de Turistas – Total X Despesas de Publicidade	-43,7	Nenhuma	7,1	-9,5	-174,7
Número de Turistas X Gasto com Fortalecimento do Destino Turístico	38,5	Nenhuma	7,1	58,3	-87,9
Número de Turistas Externos X Gasto Total do Município	63,0	Pequena	0,4	9,4	-96,2
Número de Turistas Externos X Despesas de Publicidade	13,1	Nenhuma	0,4	-9,5	-103,8
Número de Turistas Externos X Gasto com Fortalecimento do Destino Turístico	-76,1	Nenhuma	0,4	58,3	-99,4
Renda Total Gerada- US\$ X Gasto Total do Município	63,4	Pequena	12,4	9,4	32,3
Renda Total Gerada- US\$ X Gasto com Fortalecimento do Destino Turístico	16,7	Nenhuma	12,4	-9,5	-231,1
Renda Total Gerada- US\$ X Despesas com Publicidade	-44,7	Nenhuma	12,4	58,3	-78,7
Número de Empregos X Gasto Total do Município	63,0	Pequena	4,2	9,4	-54,8
Número de Empregos X Gasto com Fortalecimento do Destino Turístico	21,9	Nenhuma	4,2	-9,5	-144,8
Número de Empregos X Gasto com Publicidade	-43,3	Nenhuma	4,2	58,3	-92,7
Receita do ISS X Gasto Total do Município	62,9	Pequena	9,4	9,4	0,8
Receita do ISS X Gasto com Fortalecimento do Destino Turístico	63,4	Pequena	9,4	-9,5	-199,9
Receita do ISS X Gasto com Publicidade	-31,7	Nenhuma	9,4	58,3	-83,8
MÉDIA GERAL	15,9	Nenhuma	6,7	19,4	-65,5

FONTE: SMTU/2007

Praticamente todas as correlações podem ser consideradas fracas devido ao número de períodos observados. Exceto no caso da correlação entre número total de turistas e gasto total do município, que alcança 72,5%, porém, nesta mesma relação, se observada a comparação das taxas históricas de crescimento dos gastos e do número de turistas, verifica-se que os gastos cresceram no período 24,6% a mais do que o número dos turistas.

Analisando a correlação entre o número de turistas externos e o gasto com o fortalecimento do destino turístico, observa-se que a correlação é negativa em -76,1%, o que demonstra que o crescimento do número de turistas não está relacionado a este gasto e que o gasto é superdimensionado. O que também fica comprovado ao se observar as taxas médias de crescimento do número de turistas (resultado) comparando-se com o crescimento destes gastos; onde os gastos cresceram é média 99,4% a mais do que o número de turistas.

As demais correlações confirmam que os gastos públicos efetuados historicamente não geram efeitos sobre a atividade turística, devido à baixa correlação e também à comparação das taxas médias de crescimento dos gastos e os resultados alcançados.

Isso se conforma com a afirmação anterior de que o diagnóstico e o foco das políticas públicas voltadas para o turismo são ainda pouco precisos, ou de outra forma, a política pública foi pouco capaz de direcionar os investimentos públicos para a promoção da atividade turística. A análise revela, também, que o critério de alocação dos recursos não se sustenta em diagnóstico e estudo profundo. Os resultados anteriores sugerem que as políticas públicas têm sido pouco eficientes na promoção do turismo no município.

Na média geral, ou seja, na média das correlações, a correlação entre gastos públicos e resultados do turismo alcançou 15,9% o que pelo critério estatístico não pode ser levado em conta, ou seja, a correlação é fraca, o que evidencia a ineficácia dos gastos públicos. Cabendo ressaltar que tal evidência leva em consideração várias relações entre o gasto e os resultados.

Observando a correlação entre gastos públicos no setor turístico e a arrecadação da receita do ISS – Imposto Sobre Serviços, constata-se que o município não está tendo retorno dos seus investimentos nem na forma de receitas, nem na forma de empregos para a população e nem na forma de renda para os munícipes.

Em geral, os gastos do município com o turismo cresceram 65,5% a mais do que os resultados. Isto significa que os gastos foram pouco eficientes na promoção do turismo. Também confirmam a afirmação de que a própria estrutura de governança absorve os recursos gerando poucos benefícios para o setor do turismo.

Reforçando a afirmação anterior, pode-se comparar os resultados que cresceram em média 6,7% (Atividade Turística) no período, enquanto que os gastos cresceram 19,4%, revelando uma certa falta de precisão na aplicação dos recursos públicos. Também revela a falta de direcionamento claro para a alocação

de recursos públicos, o que decorre da falta de estudos mais aprofundados e do desconhecimento dos principais determinantes da demanda turística municipal.

Desta forma, pode-se afirmar que os gastos públicos efetuados foram pouco eficazes para a o desenvolvimento do turismo até o presente momento. Essa afirmação se conforma com o descrito anteriormente sobre a política municipal do turismo.

Tanto do ponto de vista da correlação, quanto do ponto de vista da análise comparativa entre taxas médias de crescimento dos resultados menos taxas médias de crescimento dos gastos, é possível afirmar que os gastos efetuados pelo município com o turismo, nos últimos cinco anos, não promove o crescimento do turismo, ou seja, é quase que em sua totalidade estéril.

Excluindo os investimentos feitos pelo Estado na revitalização da Avenida Brasil, a relação se agrava, podendo confirmar a afirmação anterior mais uma vez. O gasto cresceu em média 19,4% ao ano enquanto que as demais variáveis cresceram apenas 6,7%. Ou seja, os gastos crescerem 65,5% a mais do que os resultados.

O volume de gastos correntes é elevadíssimo, demonstrando que o foco dos gastos é a própria organização e não os resultados. Além disso, aponta a ineficácia das ações desenvolvidas pelo município no tocante à promoção do turismo. Logo, fica evidente a falta de um rumo certo para a economia do turismo.

E, finalmente, considerando os diferenciais turísticos existentes no município que lhe conferem uma série de vantagens comparativas, fica evidente também o grande custo de oportunidade decorrente da perda de benefícios não alcançados pelo potencial turístico municipal, o que poderia gerar inúmeros efeitos multiplicadores e promover a melhoria da qualidade de vida da população, possivelmente com a mudança no índice de Gini que atualmente é de 0,58 (IPARDES) caracterizando um problema estrutural – desigualdade de renda. Além disso, a exclusão social no município que alcança mais de 27% da população, ou cerca de 84,000 pessoas excluídas (SMSF – Secretaria Municipal de Ação Social e Assuntos da Família). Poderia também amenizar o problema do desemprego que atinge grande parte da população economicamente ativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

O estudo teve como objetivo *analisar as contribuições do turismo para a economia do município de Foz do Iguaçu*, considerada uma das regiões onde a atividade turística é intensa. O estudo partiu do pressuposto de que *o turismo contribui de forma significativa para a economia do município*. A relevância do trabalho está centrada no fato dele oferecer uma contribuição à análise dos efeitos do turismo no desenvolvimento da região, bem como contribuir para orientar os formuladores das políticas de desenvolvimento, além de ajudar a identificar a verdadeira importância do turismo dentro da economia, seu potencial, seu peso, sua demanda e suas interconexões com as diversas atividades econômicas.

Primeiramente, foi apresentada uma contextualização do turismo, onde ficou evidente que o turismo é um fenômeno da sociedade moderna, que tem seu desenvolvimento associado aos avanços sociais, econômicos e culturais da sociedade, mas acima de tudo, o desenvolvimento da atividade turística está relacionado aos avanços tecnológicos principalmente dos meios de transportes e comunicação. Consta também que o turismo teve a sua história ligada às grandes conquistas da humanidade, principalmente a de maior disponibilidade de tempo livre para o lazer. Nos seus primórdios, o turismo estava ligado às viagens de negócios, aos eventos religiosos e ao domínio dos grandes impérios. Nos dias atuais, o turismo ganhou uma certa independência, na medida em que surgem vários negócios voltados exclusivamente para esta atividade.

A atividade turística afeta diversos setores da economia, da mesma forma é afetado por vários elementos da economia. Ao se estudar o turismo, existem vários enfoques, porém, para fins deste estudo, foi adotado o enfoque econômico.

A economia do turismo tem aspectos macro e microeconômicos ao mesmo tempo. De um lado, afeta mercados em particular e organizações produtivas de bens e serviços; de outro, afeta o nível de emprego e renda de uma

região ou país. A mensuração econômica do turismo é tarefa muito complexa que exige sistemas de contabilidade altamente desenvolvidos. Os avanços neste campo ainda estão em sua fase inicial, mas já se sabe que existem setores da economia voltados exclusivamente para o turismo e outros que, apesar de não serem exclusivos, ofertam grande parte da sua produção para o turismo a exemplo do setor de transportes. O turismo exige da economia um conjunto de atividades produtivas, no qual os serviços têm um caráter prevalente que interessam a todos os setores econômicos de um país ou uma região. O turismo se caracteriza por possuir, uma *interdependência estrutural* com as demais atividades, em maior grau e intensidade que qualquer outra atividade produtiva. Por isso, muitas vezes, o turismo é confundido como um fenômeno econômico puro.

Como fator de desenvolvimento, o turismo contribui significativamente através dos seus efeitos multiplicadores. Quando um turista injeta fundos na economia de uma área anfitriã, ocorre um efeito econômico que é, algumas vezes, a quantia gasta originalmente. Esse efeito é considerado *multiplicador de renda*. Gastos maiores precisam de mais empregos, o que resulta em um *multiplicador de empregos*. Como o dinheiro muda de mãos várias vezes durante um ano, existe um *multiplicador de transações*. Conforme o volume de negócios cresce em uma destinação turística, mais infra-estrutura e superestruturas são construídas. Isso resulta em um *multiplicador de capital*.

Compreendido o conceito de turismo e suas implicações para a economia e o desenvolvimento regional, pode-se apresentar os elementos que determinam a atividade turística de uma região ou país. Neste estudo, mereceu destaque a taxa de câmbio, tendo em vista o grande e significativo número de turistas externos que procuram a região.

Como foi descrito anteriormente, a atividade turística guarda uma relação estreita com a taxa de câmbio, a ponto de que, quando a taxa de câmbio aumenta, a participação da renda do turismo proveniente de turistas internos diminui,

enquanto que a proporção da renda proveniente dos turistas externos aumenta. Mesmo Foz do Iguaçu sendo apenas um município, a atividade turística local é afetada pela taxa de câmbio que é uma variável macroeconômica e depende da política do governos central. Outro aspecto importante observado é que, quando a taxa de câmbio aumenta a tendência é que os turistas gastem menos, devido ao seu ganho de poder aquisitivo, ou seja, com menos moeda estrangeira se consegue realizar os gastos programados.

A atividade turística iguaçuense é de grande importância e contribui em muito para a geração de renda, empregos e tributos no município. A renda gerada pelo turismo alcança mais de 15% da renda gerada pelo município e ultrapassa meio bilhão de reais. De outro lado, o número de empregos gerados pelo turismo atinge 19,8% da população economicamente ativa ocupada. A cidade de Foz do Iguaçu aparece entre as cidades do Paraná, como a que tem a maior oferta de meios de hospedagens e leitos disponíveis. A qualidade dos serviços prestados é alta e a cidade tem tradição no atendimento ao turista. É inquestionável que Foz do Iguaçu dispõe hoje de atrativos turísticos de grande poder de atração, além de serem únicos no mundo inteiro, como é o caso das Cataratas do Iguaçu.

O que se espera do turismo são os impactos positivos sobre o desenvolvimento econômico classificados da seguinte forma: a) *o turismo aumenta a renda do lugar visitado via entrada de divisas*; b) *o turismo estimula investimentos e gera empregos*; c) *o turismo é um meio de redistribuir riquezas*; d) *o turismo gera efeitos multiplicadores*; e) *o turismo pode contribuir para melhorar o balanço de pagamentos*. Visto desta forma, o turismo é um *motor para o desenvolvimento econômico*.

Teoricamente se acenou para o fato de que é possível haver um setor turístico em crescimento e uma pobreza abjeta da população local, se não houver encadeamentos ou concentração dos seus efeitos multiplicadores. Esta afirmação se conforma com a realidade atual do município de Foz do Iguaçu em função do

anteriormente descrito e do atual estado de miséria e pobreza que se encontra o município. Só para confirmar, os dados do IPARDES apontam para uma taxa de pobreza de 19,05% (IBGE/IPARDES- 2000), apesar de um PIB per cápita de R\$ 12.493,00, o qual em grande parte é gerado pela Itaipu Binacional. De outro lado, o índice de Gini é de 0,580, um dos mais elevados do mundo, se tomarmos por base os países de maior concentração de renda. Este é outro aspecto que nos remete à observação de que, mesmo sendo o turismo um motor para o desenvolvimento econômico, nem sempre produz o desenvolvimento social na mesma proporção.

Diante dos dados analisados foi possível observar que a atividade turística de Foz do Iguaçu, apesar de ser vista como de grande importância não teve o planejamento e o ordenamento que permitissem extrair os efeitos multiplicadores e encadeadores em sua plenitude, por isso, os ganhos gerados pelo turismo em termos de desenvolvimento local estão muito aquém das suas possibilidades.

Partindo do referencial de que *o turismo, por ser uma indústria vasta e complexa, deve ter suas principais metas de crescimento programadas e elaboradas por meio de um plano econômico, que pode ser definido como um conjunto específico de metas econômicas quantitativas a serem atingidas em dado período. É uma tentativa de coordenar o processo de decisão econômica em longo prazo, influenciando e controlando o nível de crescimento das principais variáveis econômicas, de forma a alcançar um conjunto de objetivos predeterminados.* Faz-se necessário que se realizasse antes de tudo um estudo ou diagnóstico aprofundado das cadeias produtivas do turismo, para que seus efeitos sobre o desenvolvimento ou seu potencial sejam aproveitados em benefício da região. Entretanto o que se observou é que o diagnóstico realizado é pouco preciso, resultando em medidas políticas com focos que não privilegiam a economia do turismo, ou seja, não existem metas claras e objetivas para o turismo. Não existe claramente definida a coordenação e o *processo de decisão econômica em longo prazo, influenciando e controlando o nível de crescimento das principais variáveis*

econômicas, de forma a alcançar um conjunto de objetivos predeterminados. O planejamento do turismo está focado em se promover a demanda, porém com medidas desconexas de objetivos econômicos e metas quantitativas previamente definidas. Não privilegia a oferta, isto é, a implantação de arranjos e cadeias produtivas capazes de converter todo o potencial turístico regional em desenvolvimento econômico e social. Além disso, os investimentos voltados para o turismo na região se concentram na prestação de serviços. A indústria é relegada ao segundo plano, haja vista a oferta de bens produzidos no município.

Tudo isso se conforma com os dados apresentados ao longo deste estudo sobre os gastos públicos efetuados para promoção do setor turístico em contraste com o aumento de arrecadação de impostos, sendo que os primeiros cresceram em média 24,6% a mais do que os últimos.

O que se observa é que, de um lado existe uma atividade de grande potencial de geração de renda, empregos e impostos e por outro, a falta de ordenamento e controle para aproveitamento do seu potencial. Ao mesmo tempo em que ocorrem, os seus efeitos encadeadores e multiplicadores são dispersos. Isso faz com que os benefícios sociais, culturais e econômicos do turismo sejam limitados a uma pequena parcela da população diretamente envolvida com a atividade. O que leva a inferir que o potencial de desenvolvimento do turismo utilizado é equivalente à parcela de serviços produzida localmente, sendo que para geração de tais serviços são necessários uma enorme gama de bens.

Observa-se que *o turismo contribui de forma significativa para a economia do município*, previamente afirmado neste estudo de forma hipotética. Porém, muito menos do que poderia contribuir, tendo em vista o anteriormente descrito. Logo, a hipótese proposta é tida como válida, e pode ser comprovada facilmente diante de tantas evidências da importância da atividade turística apresentadas.

Pode-se afirmar que o propósito deste estudo foi atingido a contento, sendo recomendável que se desenvolva estudos mais profundos, inclusive com

aplicação metodologias de contabilidade da renda regional. Além disso, que se construa matriz *insumo-produto*, para se verificar as ligações da demanda turística com os diversos setores e atividades econômicas. De outro lado, o mapeamento das cadeias produtivas voltadas para a demanda turística torna-se peça indispensável para um bom planejamento e ordenamento, bem como aproveitamento do seu potencial promotor do desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

- ARENDIT, Ednilson José. **Introdução à economia do turismo**. Campinas-SP: Alinea, 2002.
- BAUMAN, ZYGMUNT. **Globalização, as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 7.ed. São Paulo: Senac, 2002.
- BLASCO, E. F. **Análisis econômico y turismo**. Buenos Aires, Argentina: Estúdios y Perspectiva, 2001.
- BRUM, Argemiro J. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. 21.ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.
- CÂNDIDO, ÍNDIO; VIERA, Elenara. **Gestão de hotéis: técnicas, operações e serviços**. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- CASIMIRO FILHO, F. **A contribuição do turismo para a economia brasileira**. – Tese de Doutorado, Piracicaba-SP, 2002.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo: atividade marcante**. 4.ed. Caxias do Sul - RS: Educs, 2001.
- CLEMENTE, Ademir; HIGACHI, Hermes Y. **Economia e desenvolvimento regional**. São Paulo: Atlas, 2000.
- COUTINHO, Luciano, FERRAZ, João Carlos. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 2.ed. Campins-SP: Editora da Unicamp, 1994.
- EFEBVRE, HENRI. **Estrutura social: a reprodução das relações sociais**. In: FORACCHI, Marialice M. e MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora,
- EMBRATUR, **Anuário Estatístico Embratur**, Volume 33, Brasília-DF, 2006.
- EMBRATUR. **Estudo da demanda turística internacional 2003**. Brasil Anuário Estatístico. Disponível em: www.turismo.gov.br/site/arquivos/dados_fatos/. Acesso em: 30/03/06, 2004.
- ESCALONA. M. F. **Es diferente el turismo?** Em: **Contribuciones a la Economía**. Disponível em: <http://www.eumed.net/ce/>, acessado em 26/10/2006, 2004.
- FERNANDES, Invan Pereira; COELHO, Marcio Farina. **Economia do turismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- GODELDNER, Charles R.; RITCHIE, J.R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8.ed. São Paulo: Bookman, 2002.
- HAVAS, F. **Planejamento para o desenvolvimento do turismo**. Rio de Janeiro: Embratur, 1981.
- IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. 2.ed. São Paulo: Thompson, 2003.
- LAGE, Beatriz. H. G. e MILONE, Paulo. César. **Economia do turismo**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAGE, Beatriz. H. G.; MILONE, Paulo. César. **Turismo teoria e prática**. 4.Ti. São Paulo: Atlas, 2000.

LEFTWICH, R. H. **Sistema de preços e a alocação de recursos**. 8.ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

MONTEJANO, Jordi Montaner. **Estrutura do mercado turístico**. 2.ed. São Paulo: Roca, 2001.

ONU et. al. **Cuenta satélite de turismo**: recomendaciones sobre el marco conceptual. Nueva York: ONU, 2001.

PRAXEDES, WALTER. Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade. **Revista Espaço Acadêmico**, ano IV, nº 37, junho de 2005, mensal. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>.

RODRIGUES, Adyr A. B. **Turismo e geografia reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

SAAB, W. G. L. **Considerações sobre o desenvolvimento do setor de turismo no Brasil**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n.10, p.285-312, set. 1999.

SALTO, G. M. **El impacto del turismo sobre el desarrollo econômico**: el caso de Argentina. Tesis, Universidade de Complutense de Madrid, Madrid, 1998.

SASSAKI, K. R. **Inclusão no lazer e no turismo**: em busca da qualidade de vida. São Paulo: Áurea, 2003.

SESSA, A. **Turismo e política de desenvolvimento**. Porto Alegre-RS: Uniontur, 1983.

SETU – Secretaria de Estado do Turismo. **Estatísticas do Turismo**, Curitiba-PR, 2006.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000.

SILVA, J. A. S. **O turismo**: uma atividade econômica? Contribuciones a la Economía. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes - USP, 2004.

SMTU – Secretaria Municipal do Turismo. **Estatísticas (Síntese - 2005)**, Foz do Iguaçu, Junho de 2006.

SOUZA, Arinda Mendonça; CORREA, Marcus Vinícius. **Turismo**: conceitos, definições e siglas. 2.ed. Manaus: Valer, 2000.

SWARBROOKE, John, HORNER, Susan. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: ALEPH, 2002.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável, meio ambiente e economia**. 2.ed. São Paulo: ALEPH, 2000.

THEOBALD, William F. **Turismo global**. 2.ed. São Paulo: Senac, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico**. 6.ed. São Paulo: Senac, 1998.